

Revista Appai

# EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação



## FOLCLORE BRASILEIRO: RAIZ DE UMA NAÇÃO

Saiba por que a diversidade cultural é uma ferramenta primordial para que a riqueza histórica do país seja enaltecida



Opinião

## Usando filmes para ensinar história

Carlos Magalhães\*

Quando o assunto é aprendizagem, não é nada incomum encontrar professores que apreciam exibir em sala de aula filmes que examinem eventos ocorridos no passado. Aliás, vários estudos já foram propostos a respeito da utilização de produções históricas como ferramenta de ensino, e inclusive conheço pessoas que já me perguntaram se encaro o cinema como uma forma aceitável ou eficiente de se aprender história, ainda que de maneira geral. A resposta mais direta que costumo dar é a de que filmes de conteúdo histórico simplesmente não ensinam nem buscam ensinar. É certo que há um potencial pedagógico em filmes, mas não é algo fácil de se mensurar.

Primeiro, deixemos claro que o Cinema (com C maiúsculo) é uma arte, não importando se nos referimos a uma reconstituição livre ou fidedigna de algum evento que tenha de fato acontecido. Em termos gerais, filmes são *discursos*, e é exatamente isso que os separa (inclusive os documentários) de reportagens jornalísticas de caráter puramente informativo. Assim, quando algum(a) realizador(a) decide dramatizar um caso verídico em uma obra cinematográfica, pressupõe-se que haja uma espécie de tese em

mente. Ou seja, recontar uma história do passado se torna geralmente o ponto de partida para se discutir alguma perspectiva específica ou questão filosófica central.

Um exemplo é *Titanic* (1997), que usa a tragédia real como pano de fundo para um romance clássico. Os personagens de Jack e Rose não são e nem representam pessoas reais, e o filme em si não tem pretensão alguma de ser uma reconstituição fiel do naufrágio do navio provocado pela colisão com um *iceberg* no meio do Atlântico em 1912. O mais importante em *Titanic* não é retratar o incidente da forma mais verídica possível, mas sim contar a história de uma moça inglesa de família nobre que consegue se desvencilhar da verdadeira prisão que é a sua vida, imposta por sua mãe e pelo compromisso de se casar com um homem que ela não ama. Em outras palavras, o filme é mais sobre o poder transformador do amor do que sobre o naufrágio em si.

O mesmo vale para os épicos *Spartacus* (1960) e *Gladiador* (2000), por exemplo, que não se abstiveram de reinventar fatos históricos a torto e a direito com a justificativa perene de “liberdade artística”. No caso de documentários, professores tendem a se sentir mais confortáveis em utilizá-los em sala de aula por conta de sua estrutura

geralmente factual e seu verniz de objetividade e neutralidade, ainda que essas obras sejam claramente calcadas em um ponto de vista autoral e interpretativo. Quando se trata de longas baseados em fatos históricos reais, no entanto, nada mais natural que haver uma maior relutância devido justamente a esse problema de veracidade.

Mesmo assim, é importante não subestimar a capacidade que esses filmes possuem de motivar alunos a aprenderem sobre história, principalmente por fazerem parte de uma cultura jovem e serem mais interessantes para eles do que aquilo que lhes é ensinado através de livros didáticos. A grande questão, então, seria como professores de história poderiam utilizá-los para ensinar de maneira crítica.

Tendo em vista que filmes são discursos – ou textos –, eles podem ser debatidos e analisados como qualquer outro tipo de documento textual passível de interpretação, oferecendo também perspectivas sobre seu contexto de criação e sobre como o passado se relaciona com o presente. Basta apenas que os professores saibam filtrar as informações corretas das incorretas, deixando claro para os alunos que esses filmes são perspectivas atuais – e modernas – de eventos passados.

---

\*Carlos Magalhães é licenciado em Física, mestre em Jornalismo e crítico de cinema.



## Reflexões sobre a docência no Ensino Superior

Elizabete da Silva Machado\*

Este artigo é parte de um projeto maior, cuja meta principal foi refletir sobre a docência na educação superior, destacando tanto os retrocessos e impasses, bem como as possibilidades de avanço e crescimento do professor. Assim, buscamos fazer uma breve caracterização da docência universitária, descrever as iniciativas implementadas em função da capacitação do professor universitário e verificar junto a um grupo de profissionais de ensino superior que projeções eles fazem de si e da própria prática na docência superior. Este último ponto é aqui abordado.

Como estratégia metodológica, fizemos entrevistas a partir de um conjunto de 6 perguntas, levadas a um grupo formado por 30 professores. Apenas 11 deles nos devolveram o questionário respondido. Para a análise das 66 respostas recebidas, estabelecemos um parâmetro de

respostas, destacadas do referencial teórico utilizado. A partir daí tabulamos as respostas, para verificar até que ponto elas refletiam, em algum alcance, nossos parâmetros teóricos.

Em nosso percurso, tomamos como diretriz central verificar em que medida o docente do ensino superior se veria como um “intelectual orgânico”, aquele que está sempre em interação com outros profissionais e com os alunos e, acima de tudo, não se vendo como mero gestor de conhecimentos, sem se deixar gerir, uma vez que a capacidade intelectual e criadora é inerente a todo e qualquer ser humano (LUCKESI, C. *et al*, *Fazer universidade: uma proposta metodológica*, 1991). Tais colocações, longe de serem meras acepções teóricas, agregam implicações de ordem profissional, política e ideológica. Agregam projeções do sujeito-professor, dos seus “que-fazer”, de sua prática e daqueles com quem este sujeito se relaciona.

## Que projeções ficaram refletidas em nosso trabalho?

Pela amostragem, como um todo, uma pequena parcela dos entrevistados – em torno de 1% – estaria próximo de um docente ideal. No percentual restante, a imagem de um intelectual orgânico desliza nitidamente para a imagem do gestor – aquele profissional preocupado, sobretudo, em transmitir, dentro de uma determinada estrutura curricular, os conteúdos programáticos. Esse “professor-gestor” não se atém em colocar em causa a eficácia desse tipo de prática pedagógica. Tal posição ficou bastante refletida quando os entrevistados apontam que ser professor do ensino básico é diferente de atuar no ensino superior, porque o aluno universitário tem autonomia para aprender sozinho.

Uma outra implicação decorrente dessas visões é a cisão que se estabelece entre o teorismo acadêmico e o enfrentamento de um cotidiano escolar. Oitenta por cento dos entrevistados respondem que a universidade não oferece capacitação suficiente para a atuação como professor. São docentes que ratificam que o “processo de capacitação” é importante, mas não sabem explicitar onde reside, exatamente, essa “importância”.

Estamos diante também da universidade que não queremos, no sentido de que os professores não se sentem bem preparados. A resposta às questões sobre a oferta da universidade ser suficiente para a prática na sala de aula e a importância da busca por novos meios de capacitação alcançou percentuais bastante significativos: noventa por cento responderam que no curso superior não tiveram formação suficiente para enfrentar a sala de aula e noventa por cento afirmaram a necessidade de

capacitação continuada. São percentuais que reafirmam, por um lado, a universidade deficitária que nos é oferecida e, por outro, por ser esta universidade com deficiências, a necessidade de um aprimoramento constante.

Outro impasse. Todos confirmam a formação continuada como necessária, entretanto, ao mesmo tempo, colocam em pauta o fato de as condições de trabalho, quase nunca, favorecerem a busca por uma constante especialização. Faltam recursos para participarem de congressos e seminários; falta entrosamento em grupo de trabalho para enveredarem em pesquisas. Tudo que a universidade não vem oferecendo.

Enfim, em termos gerais, constatamos haver neste nosso percurso uma grande distância entre os parâmetros calcados em renomados teóricos da educação e as projeções espelhadas nas repostas daqueles que atuam na docência superior. Não trabalhamos com um grupo numeroso – foram apenas 11 os entrevistados. Mas o que dizer do fato de termos abordado mais de 30 profissionais e apenas menos da metade se dispuseram a nos responder? O não-dizer está presente, porém, nas duas posturas, tanto nas respostas silentes daqueles que não devolveram as perguntas, quanto nas respostas evasivas, lacônicas.

Onde se esconde a face do intelectual orgânico?

---

\***Elizabete da Silva Machado** é professora aposentada da rede privada e do município do Rio de Janeiro, pós-graduada em Ciências Ambientais e mestre em Ciência da Educação.

# QUANDO SE INVERTEM OS TERMOS DA ORAÇÃO...



Por Sandro Gomes\*

Atendendo a pedidos, vamos ver mais algumas figuras de linguagem, um tópico que há um bom tempo não abordamos aqui na coluna. E a escolha de hoje é o Hipérbato, um recurso estilístico baseado na inversão da ordem direta habitual de uma frase ou oração. Vamos ver alguns casos?

O exemplo mais clássico talvez seja o que esteja na própria letra do Hino Nacional Brasileiro, onde ocorre mais de uma figura de linguagem.

*Ouviram do Ipiranga as margens plácidas*

*De um povo heroico um brado retumbante*

Note que, se colocássemos esses versos numa ordem mais próxima do uso coloquial da língua, teríamos:

*As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico.*

Vejamos as figuras de linguagem aí envolvidas. *As margens plácidas do Ipiranga ouviram* (uma prosopeia, isto é, figura em que se atribuem ações próprias de seres humanos a seres inanimados). Além disso, *do Ipiranga as margens plácidas* (uma inversão da ordem coloquial habitual, *as margens plácidas do Ipiranga*). Esse último caso é o que nos interessa mais de perto, pois trata-se de um Hipérbato, nesse caso envolvendo o adjunto adnominal (*do Ipiranga*). Vamos ver exemplos com outros termos da oração.

## Verbo:

*Correu o rapaz para ser o primeiro a experimentar.*  
(O rapaz correu para ser o primeiro a experimentar).

## Objeto:

*Um carro ele transformava em outros dois.*  
(Ele transformava o carro em outros dois).

O Hipérbato apresenta algumas variações que se configuram como outras figuras de linguagem. Vamos acompanhá-las.

## Anástrofe

Ocorre quando a inversão envolve um adjunto adnominal composto por preposição e substantivo, que antecede na oração o substantivo que ele qualifica. Veja.

*O pai não pôde aguentar daquela perda a dor*

O adjunto adnominal “*daquela perda*” foi colocado, por razões estilísticas, antes do substantivo “*dor*”, que ele qualifica.

## Sínquise

Nesse caso a inversão na ordem dos termos numa oração resulta numa construção ambígua ou até mesmo ininteligível. Observe:

*Uma sede de saber possuía Aurélio.*

Como se vê, uma sentença que, a rigor, pode ser entendida de mais de uma maneira. Há casos, porém, em que a sínquise compromete verdadeiramente o entendimento, situação que configura um vício de linguagem, ou seja, apesar de não ser necessariamente um erro, deve ser evitado. Veja o exemplo:

*Muita gente, em protesto ao golpe, foi, como reação, em 1967, às ruas.*

## Anacoluto

Por fim temos também o anacoluto, onde a inversão resulta numa quebra de ordem sintática, o que, no entanto, não afeta a compreensão. Exemplo: Crianças, como dá trabalho cuidar delas!

A oração composta numa ordem habitual e dentro da norma culta seria:

*Como dá trabalho cuidar das crianças!*

Sobre o Hipérbato e suas variantes é isso! Em breve retornamos com outros temas dessa fascinante Língua Portuguesa. Até a próxima, pessoal!

---

\*Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, colunista da Appai, Escritor e Mestre em Literatura Brasileira.

A hand with pink nail polish holds a silver alarm clock. The clock face is white with black numbers and hands, showing approximately 10:10. The background is a blurred study desk with a laptop and books.

# SEU ALUNO TEM POUCO TEMPO PRA ESTUDAR?

Saiba como orientá-lo para aproveitar melhor o tempo disponível



Q

uando os alunos chegam no Ensino Médio, muitos deles acabam precisando dividir o tempo com o primeiro emprego. E muitas vezes terminam acumulando conteúdo, obtendo um menor rendimento e conseqüentemente sendo reprovados ou desistindo do ano letivo. Diante deste cenário de trabalho, rotina e afazeres,

acabam de certa forma se complicando os estudos, mas nesta matéria vamos ajudar você a orientar seu aluno a vencer este desafio.

Primeiramente, é importante lembrar que um estudante do Ensino Médio que esteja realizando estágio deve trabalhar no máximo 6 horas por dia, de segunda a sexta, com a finalidade de que esta atividade não interfira no horário regular das tarefas escolares. E em caso de trabalho fixo, a partir dos 16 anos, esses alunos precisam ser orientados pelos



professores a não desistirem dos estudos, por mais difícil que seja. Vale lembrar ainda que esta fase de trabalho e estudo se estenderá por muitos anos, levando em conta que provavelmente os próprios estudantes realizarão uma graduação futuramente.

Mas vamos às nossas dicas. Uma delas é primordial: para estudar com pouco tempo é preciso se organizar. Afinal, é de extrema importância ter uma rotina de atividades bem planejada. Ajude seu aluno a criar um plano de estudos onde seja definido o tempo ideal para se dedicar às tarefas. Certamente, isso facilitará o aprendizado. Vamos supor que ele só tenha o período noturno para realizar as atividades.

**"... é de extrema importância ter uma rotina de estudo bem planejada."**

Então dedique de uma a duas horas para rever o conteúdo assistido em aula e fazer as lições de casa. Peça para ele aproveitar ao máximo esse momento.

Um outro ponto a ser destacado é deixar claro ao aluno que ele não precisa se sentir chateado ou culpado por não ter mais tempo para estudar. O importante é aproveitar este momento para se dedicar e conseguir assimilar a maior quantidade de conteúdo possível. Então, evitar distrações é essencial para obter um foco no aprendizado. Durante o estudo, escrever o que foi absorvido, sintetizar as ideias do que se está estudando são ótimas formas de estimular a memorização. Assim é possível

se envolver e refletir sobre o conteúdo. Grifar com caneta marca-texto e desenhar também são recursos somatórios.

Enfatize ao seu aluno que tem mais valor estudar um pouco com qualidade do que muito não absorvendo nada. Se o tempo dele for bastante restrito, oriente a estudar apenas uma matéria ao dia, pois isso facilitará a assimilação.

Quem percorre um longo caminho no trânsito entre escola, trabalho e casa deve aproveitar o tempo para revisar o conteúdo. Mantendo essa rotina focada no estudo, a pouca disponibilidade se transformará num excelente resultado.

Certamente, em algum momento você ouvirá de seu aluno que o estresse e o cansaço o levaram a deixar de estudar e ficar no sofá assistindo televisão ou interagindo na

internet. Professor, seja enfático com ele neste momento e oriente-o para não fazer isso, afinal essa escolha representa um engano a si mesmo, pois dessa forma seus objetivos e metas deixam de ser prioridade. Lembre a ele dos motivos por que está se dedicando diariamente, pois isso o ajudará a continuar firme nos estudos.

Claro, o importante quando se menciona a palavra "disciplina" é promover reflexão e consciência a ser realizada diariamente, para que se torne um hábito sólido. E por último, seja compreensivo com seus alunos, pois essa nova fase gera um grande conflito entre o que se quer e o que se deve fazer. E se eles forem bem orientados sobre a importância dos estudos, logo estarão adaptados e firmes entre o mundo acadêmico e o profissional.

■ *Por Richard Günter*

Fontes: Infoescola | Globo Educação | Descomplica





# PEQUENAS ATITUDES, GRANDES MUDANÇAS!

Ao chegar na nova turma, uma professora identificou diversos problemas e mostrou como reverteu tudo isso através de um projeto bem estruturado

**A**fastada da sala de aula há 13 anos, para exercer a função de gestora escolar, a professora Vilma Soares reassume como regente de uma turma na Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade, localizada em Duque de Caxias. O que ela não imaginava é que viria um grande desafio pela frente. A turma já havia passado por diversos profissionais e tinha sido montada com alunos que não haviam tido bom rendimento nos anos anteriores.

No primeiro contato, a educadora percebeu muita agressividade, tanto verbal quanto corporal entre eles. “Fui notando que muitos apresentavam baixa autoestima e se recusavam a tirar fotos. Observei também ausência de afeto entre os colegas e com a família, além de problemas na aprendizagem. Poucos alunos dominavam a leitura, e a escrita não havia sido consolidada”, relata Vilma.



*Livros dos autores Ziraldo e Ana Maria Machado foram utilizados para discutir a importância da autovalorização e do respeito às diferenças*

Como todo projeto nasce de uma necessidade, a professora viu que era preciso uma intervenção pedagógica, que pudesse atuar nesses três problemas: deficiência na alfabetização, agressividade e baixa autoestima. Com tudo isso em mente Vilma idealizou o projeto Laços entre Nós. “A ideia é melhorar tanto as condições de leitura e escrita dos alunos, quanto a convivência entre eles, estreitando as relações de amizade e desatando os nós que o bullying estava causando”, explica a professora.

Além disso, Vilma conta que o intuito principal do projeto é estimular o respeito às diversas diferenças existentes entre os alunos, favorecendo o aumento da autoestima e a empatia entre eles, com vistas ao aperfeiçoamento da leitura e escrita e a inserção e utilização de novas tecnologias em sala de aula. Para que tudo isso fosse possível, a docente dividiu o projeto em 10 etapas:

## **1ª etapa: dinâmica com os responsáveis**

O objetivo foi a inserção da família nesse processo. Para isso, a educadora realizou uma dinâmica com os responsáveis dos alunos em reunião, que tiveram que adivinhar a letra do filho nos cartões expostos. A pergunta que constava nos cartões era: o que meu responsável tem de melhor? Nele, cada estudante respondeu por meio de palavras e desenhos.

## 2ª etapa: sessão de filme

Vilma escolheu para essa etapa o filme Toy Story 4, que aborda a questão da valorização pessoal, da empatia e da amizade. Ao final da exibição foi aberto um bate-papo, e os estudantes puderam expressar verbalmente sobre o que gostaram, perceberam e aprenderam com a mensagem do filme.

## 3ª etapa: cadeira do elogio

Foi criada uma roda com os alunos e colocada uma cadeira no centro. Aquele que se sentasse recebia os elogios dos colegas. A finalidade dessa dinâmica é criar a cultura do elogio entre os estudantes verbalmente.

## 4ª etapa: por dentro e por fora

Um painel coletivo foi montado com as fotos dos alunos com espaço para serem colocados elogios elaborados pelos colegas de classe, através de fichas. Nessa fase, houve a inserção de gramática com o uso de adjetivos, a produção escrita individual e a revisão coletiva, que foram primordiais na execução dessa etapa.

*Eles criaram histórias em quadrinhos através de diálogos construídos em dupla e fizeram a releitura desses diálogos através de fotos com filtro de cartoon*



## 5ª etapa: criação do caderno dos elogios

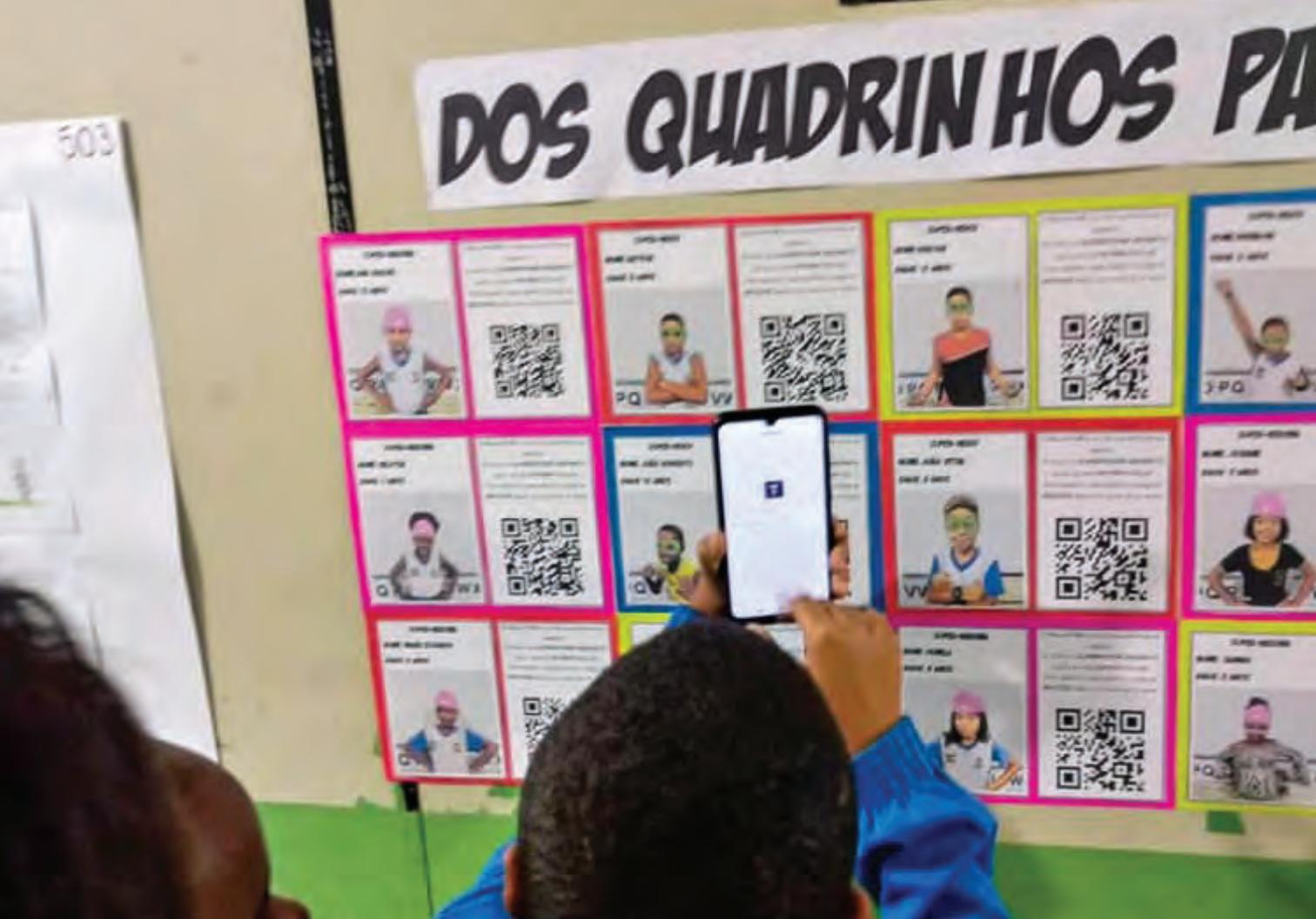
Nesta etapa os alunos começam a elaborar frases com elogios para os amigos da sua e de outras turmas, além de funcionários, fortalecendo assim a cultura do elogio, através de um caderno que circula por toda a comunidade escolar.

## 6ª etapa: eu sou VIP

Inspiradas nas brag bracelets, as pulseiras VIPs motivacionais foram criadas para os alunos com a finalidade de enaltecer e destacar o melhor de cada aluno, em forma de incentivos.

## 7ª etapa: gênero textual bilhete

Eles criaram o “carinhódromo”, um meio de comunicação através de bilhetes afetuosos entre os alunos da turma. Começaram com a participação dos responsáveis, só que dessa vez eram eles que respondiam a per-



gunta. Nos bilhetes, também foram usados emojis para fazer alusão às mensagens instantâneas. Na ocasião, discutiram o uso das redes sociais de forma responsável, falaram sobre o cyberbullying, sobre a Lei Carolina Dieckmann e foi enfatizado que não há anonimato nas redes sociais, mesmo sendo utilizados nicknames (apelidos).

### **8ª etapa: piquenique literário**

Livros dos autores Ziraldo e Ana Maria Machado foram utilizados nessa etapa. Também foram discutidos a importância da autovalorização e do respeito às diferenças.

### **9ª etapa: gênero textual gibi**

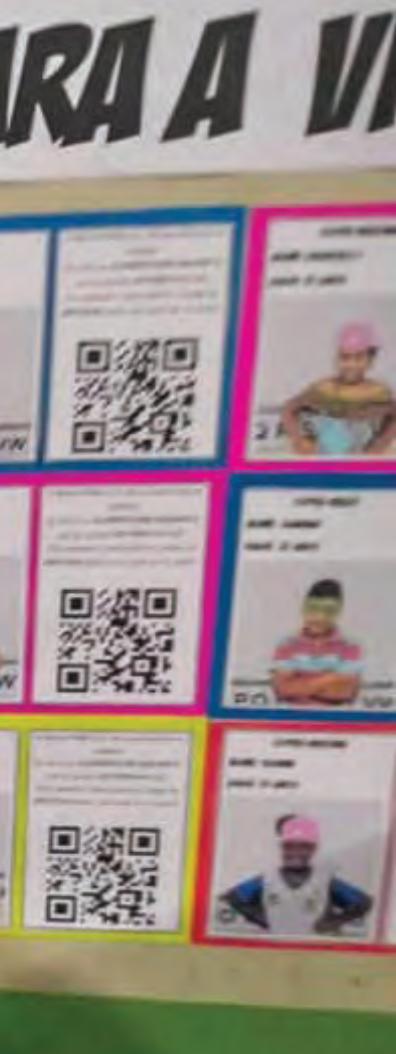
Criaram histórias em quadrinhos através de diálogos construídos em dupla, incluindo a temática do projeto e criação do cartaz “essa turma não está no gibi!”.

### **10ª etapa: gênero digital**

Nessa etapa, desenvolveram o cartaz: E quem disse que essa turma não está no gibi?

Eles também fizeram a releitura dos diálogos através de fotos com filtro de cartoon. A professora trouxe o bullying como um vilão que necessita ser combatido. E para exterminá-lo os alunos precisariam usar superpoderes, como empatia, amizade, amor, carinho e respeito. Para isso, utilizou tecnologias como o QR CODE. Construíram o código em sala de aula, com o superpoder de cada herói, e depois fizeram a leitura de todos os QR CODEs expostos em cartaz.

Após todas as etapas concluídas, a educadora percebeu que os alunos que antes apresentavam vergonha de tirar uma simples foto não apresentavam mais nenhuma atitude que denunciasse qualquer tipo de problema com a autoimagem. “Observei também uma visível mudança no relacionamento entre eles, que antes beirava a agressividade e que deu lugar ao respeito, ao carinho e à empatia”, conta Vilma.



*Construíram também um código em sala de aula, com o superpoder de cada herói, e depois fizeram a leitura de todos os QRCODEs expostos em cartaz*

E não foi somente a professora que sentiu esses progressos. Todos os profissionais que lidavam diretamente com os alunos também perceberam a mudança comportamental da turma, que antes era barulhenta e agressiva, passando para um grupo harmônico e tranquilo.

Segundo a professora, o engajamento da família no processo de afetividade e de aprendizagem aumentou consideravelmente, a ponto de impactar positivamente no desenvolvimento dos estudantes. “Os alunos que inicialmente só domi-

navam a leitura passaram a progredir também na escrita de forma natural. Acredito que o ativismo do projeto foi de extrema importância, pois possibilitou a transformação da vida deles, baseado numa educação mais humana, mais participativa e mais cooperativa, sem largar mão da inovação e do uso de tecnologias”, finaliza Vilma.

■ *Por Jéssica Almeida*

**Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade**

Rua Goindira, 343 – Imabariê – Duque de Caxias/RJ

**CEP:** 25266-070

**Tel.:** (21) 2778-3673

Fotos cedidas pela professora

# OLHAR PARA O CÉU...

... desperta curiosidade e promove aprendizagem

**Q**uem nunca se perguntou: por que o céu é azul? Do que são feitas as nuvens? Como o arco-íris é formado? Se você leciona para o Ensino Fundamental, certamente já se deparou com esses questionamentos dos pequenos.

Saiba que essas questões podem render uma superaula de ciências, onde os alunos precisam apenas olhar para o céu, anotar perguntas e mergulhar nas pesquisas.

Propor atividades que despertem o interesse e a curiosidade é cada vez mais difícil em tempos onde os estudantes se dispersam facilmente com as tecnologias digitais. Por isso, essa atividade alinha ciência e tecnologia, tornando possível a partir dos aplicativos SkyMap e Star Safari fazer uma leitura do céu e encontrar corpos celestes invisíveis a olho nu, utilizando geolocalização e a câmera do *smartphone*. O legal é que ambos os apps têm versões gratuitas e estão disponíveis para Android e iOS.

Como sugestão para iniciar essa atividade, explore os fenômenos do cotidiano, como a formação do arco-íris, as 4 fases da lua, as nuvens e as chuvas, pois estimulando a curiosidade certamente você ajudará na busca de informação e compreensão sobre a terra e o universo, que é um dos tópicos que compõem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

## O que diz a BNCC sobre a observação do céu?

Em um trecho retirado da página 128 a versão final do documento diz: “Na unidade temática Terra e Universo busca-se a compreensão de características da Terra,



De acordo com a pasta, ao observar de forma sistemática, os estudantes do Fundamental I estão aptos a identificar fenômenos que permitiram avanços para a humanidade, como a agricultura e a construção de calendários, entre outros. Já os alunos do final do Fundamental devem ser capazes de explicar os fenômenos que envolvem a Terra, a Lua e o Sol, sob o conceito explicativo da ciência”.

E o mais legal é que os estudantes podem realizar essa atividade em casa!

Que tal pedir para cada um tirar 3 fotos (uma do período da manhã, outra da tarde e uma última da noite)? Realize essa atividade e nos envie as produções dos seus alunos, pois elas poderão aparecer na nossa próxima edição!

**e-mail:** [redacao@appai.ogr.br](mailto:redacao@appai.ogr.br)

do Sol, da Lua e de outros corpos celestes – suas dimensões, composição, localizações, movimentos e forças que atuam entre eles. Ampliam-se experiências de observação do céu, do planeta Terra, particularmente das zonas habitadas pelo ser humano e demais seres vivos, bem como de observação dos principais fenômenos celestes.”.

■ *Por Richard Günter*

Fontes: Nova Escola | Superinteressante



# “POSSO FAZER SOZINHO?”

Se você já ouviu essa pergunta quando solicitou um trabalho em grupo, essa matéria é pra você!

**R**ealizar uma atividade em grupo não é uma tarefa fácil. Quando se fala neste modelo de aprendizagem, muitas dúvidas e preocupações surgem na cabeça dos professores, não é mesmo? Afinal, como fazer com que os estudantes participem e não sejam apenas coadjuvantes? Muitos alunos prevendo ficar sobrecarregados acabam fazendo aquela famosa pergunta: “Posso fazer sozinho?”. Nessas horas é importante salientar que um trabalho em grupo tem uma função socioeducacional importantíssima, que é justamente propiciar uma aprendizagem colaborativa. Nesta matéria, vamos orientar pedagogicamente a melhor forma de trabalhar de maneira coletiva com seus alunos.

Tendo em vista que neste momento os estudantes estão realizando as aulas de forma virtual, o processo pedagógico não muda, porém há limitações entre cada estudante. Alguns alunos podem não se adaptar tão rapidamente aos formatos colocados em prática, de contato e aprendizagem a distância, e não se sentirem incluídos. Por isso, primei-

ramente, é importante entender qual a situação familiar do estudante, pois há diversos casos em que a família vai cumprindo o isolamento social fora de casa, ou está sem internet ou computador. São quadros que devem ser avaliados como um todo de forma empática para promover a integração unanimemente. Caso o professor perceba que algum aluno esteja menos participativo, é importante conversar com ele de forma individual, para buscar entender o porquê.

Muitas vezes, a tarefa fica centrada em um ou dois integrantes do grupo enquanto os

demais acabam não aproveitando esse importante momento de aprendizagem. E por ser uma atividade que se refere a uma formação de atitudes, ela precisa ser aprendida na prática. Por isso, é necessário que o docente esteja aberto para desenvolver esse comando nos alunos, independente de qual seja a sua matéria escolar, afinal essa é uma questão interdisciplinar que perpassa por todas as áreas.

Para o próximo passo é preciso escolher uma atividade que seja desafiadora e que proporcione a reflexão e participação de todos os alunos. Muitas vezes, a tarefa a ser desenvolvida não requer que seja realmente executada de forma colaborativa. Um grande equívoco cometido por alguns professores é distribuir uma folha individual de conteúdo e solicitar que os estudantes trabalhem em conjunto.



Se o objetivo é que seja realizado em grupo, a melhor forma para iniciar essa atividade é disponibilizando apenas uma única folha por grupo, pois dessa forma já se obtém a ideia de divisão. E de modo colaborativo, os alunos serão estimulados a ler e compreender juntos, para que

posteriormente raciocinem coletivamente sobre a tarefa e decidam como será solucionado. Ao refletirem reunidos, os estudantes aprendem a ouvir, argumentar, defender seus pontos de vista e a chegar num consenso sobre a solução que escolherão.

---

**Por isso é de extrema importância que a atividade seja de fato desafiadora ou que possibilite pensar sobre a temática e, sempre que possível, que haja a possibilidade de comportar mais de uma forma de ser solucionada.**

---



**Mediador:** O aluno mediará a conversa dentro do grupo, estimulará a participação de todos e se certificará que todos estejam compreendendo a orientação das atividades.

**Relator:** O aluno ficará responsável pelo registro e também será orador da turma, quando necessário.



**Monitor de recursos:** O aluno garantirá que não falte nada para que o grupo consiga realizar a atividade proposta.

**Cuco:** O aluno controlará o tempo da atividade, estipulado previamente pelo professor.



**Harmonizador:** O aluno garantirá que todos estejam se sentindo confortáveis e engajados com suas funções.

Por isso é de extrema importância que a atividade seja de fato desafiadora ou que possibilite pensar sobre a temática e, sempre que possível, que haja a possibilidade de comportar mais de uma forma de ser solucionada.

Estabelecer as funções de cada aluno envolvido no coletivo é uma das chaves para que tudo flua bem. De acordo com Cohen e Lotan, autores do livro “Planejando o Trabalho em Grupo – Estratégias para a Sala de Aula”, os membros de um grupo apresentam perfis que, muitas vezes, dificultam a participação e a integração de todos. Em muitos casos, a opinião de um aluno com menor *status* social acaba sendo desvalorizada por seus pares. Por outro lado,

estudantes com maior facilidade e desempenho acadêmico superior em determinada disciplina tendem a ter sua opinião mais valorizada e se tornar uma referência no grupo.

Dessa forma, para que seja garantida a participação de todos, recomenda-se que seja utilizada uma das estratégias apresentadas neste livro, que sugere a definição de papéis específicos, já que assim se poderá promover a atuação de todos os componentes do grupo, nas diversas áreas. Por exemplo: o mesmo aluno, em um determinado momento, poderá desempenhar a função de líder e depois ser o organizador das ideias e mais pra frente distribuidor dos materiais, podendo desse modo entender o passo a passo do conjunto.

## De acordo com o livro, as funções podem ser de:

Para que a organização da atividade coletiva funcione, dois pontos precisam ser analisados:

As funções precisam transitar no grupo. Não se deve permitir que sempre os mesmos alunos sejam o mediador ou o relator, por exemplo. Todos precisam passar pelas diferentes

funções para que possam se desenvolver e aproveitar ao máximo o potencial da atividade.

As funções não definem quem será o responsável por resolver o problema da proposta. Todos devem opinar e se sentir responsáveis por solucionar e finalizar a atividade.

## Evite grupos muito grandes

Deve-se pensar no tamanho do coletivo para atender o objetivo da atividade. Busque duplas, grupos de 3 a 5 pessoas no máximo, para que todos tenham a oportunidade de falar e interagir. Se houver integrantes demais, possivelmente isso vai dificultar as trocas e a participação de todos de maneira aprofundada. De acordo com Masetto, autor do livro “O Professor na Hora da Verdade”, o ideal é que os grupos não ultrapassem o número máximo de 5 participantes para que se mantenha a produtividade e a participação de todos.



Você também pode definir quem serão os integrantes do grupo. Em alguns momentos, eles mesmos podem se organizar por afinidades ou interesses. Mas, em outras ocasiões, você deve planejar também os agrupamentos produtivos, pois eles podem ajudar no direcionamento para o trabalho visando cumprir o objetivo. Algumas vezes, é importante pensar nos saberes dos alunos para agrupá-los.

## Chegou a hora de compartilhar

Ao término da atividade coletiva, promova uma oportunidade para que os alunos compartilhem suas estratégias e soluções, pois este certamente será um momento recompensador e que ajudará no desenvolvimento das competências de comunicação. Planeje a tarefa para que cada grupo compartilhe seu material produzido, pois, através dos trabalhos demonstrativos, o estudante se torna ativo em seu processo de assimilação de conhecimento e aprende não só com o professor, mas também com seus colegas, formando uma grande comunidade de aprendizagem dentro da sua sala de aula, mesmo que ela seja virtual.

■ *Por Richard Günter*

---

**Fontes:** MEC | Nova Escola | Geekie

Livros: “Planejando o trabalho em grupo - Estratégias para a Sala de Aula” – Elizabeth Cohen e Rachel A. Lotan | “O Professor na Hora da Verdade” – Marcos T. Masetto



# UMA COZINHA PEDAGÓGICA

Conheça uma forma simples de promover nos seus alunos a curiosidade e a reflexão matemática

**A** cozinha ainda continua sendo um ambiente de encontro familiar. No dia a dia atarefado, às vezes é o único local em que se pode reunir toda a família por um instante. Mas agora, com o isolamento social, o cômodo tem se tornado mais vivo, sendo possível transformá-lo num ambiente de aprendizagem, já que nele há diversas ferramentas para se pensar na matemática. Que tal propor ao seu aluno uma atividade enquanto a família prepara uma alimentação?

Quando as compras são realizadas no supermercado, precisamos pensar em pontos, como a proporção dos espaços, os limites de itens por recipiente, a quantidade referente ao consumo por pessoa. São muitas questões a serem exploradas. Por isso, utilizar a realidade para ensinar o conteúdo de um componente é uma forma interessante de engajar os alunos e tornar a aprendizagem significativa. Com os estudantes em casa, proponha atividades em que sejam aproveitadas as receitas e outras experiências, como por exemplo conceitos de capacidade, massa, razão e proporção.

Pode até parecer simples, mas convidar para atividades na cozinha é um desafio e uma forma de buscar metodologias diferentes para garantir a aprendizagem dos alunos. Por isso, pense em tarefas que possam promover conhecimento através do que já é realizado na casa de cada um, como:





- Medidas de massa e suas equivalências: atividade relacionada à quantidade de copos, xícaras e vasilhas de água necessária para completar uma garrafa vazia.
- Problematizando com as proporções diretas: atividade que resolva problemas com variação de proporcionalidade direta onde os estudantes sejam desafiados a dividir ingredientes, como biscoitos ou pedaços de uma barra de chocolate, seguindo diferentes critérios matemáticos.
- Descobrimo a razão no preparo de uma receita: atividade relacionada às divisões desiguais onde os estudantes têm por objetivo resolver uma situação-problema com quantidades diferentes de frutas para preparar um litro de suco.
- Saúde, o açúcar e o sódio em alimentos: atividade que propõe aos alunos analisarem rótulos de embalagens para verificar a quantidade de açúcar e sódio presente na composição de cada produto.
- Medidas de massa na alimentação: atividade para analisar conteúdo de embalagens, onde os alunos devem observar a tabela nutricional nos rótulos de alimentos que consomem com frequência. A ideia é verificar a quantidade de nutrientes em cada porção e o quanto isso corresponde ao total da embalagem.
- Proporções na cozinha: atividade para perceber a relação entre a variação de grandezas diretamente proporcionais onde os alunos podem elaborar uma receita com os ingredientes que variem para render porções que sirvam determinadas quantidades de pessoas.

Sem dúvida, partindo dessas sugestões, a cozinha pedagógica será um sucesso, pois os alunos aplicarão na prática conceitos como fração, porcentagem, variação de proporcionalidade entre grandezas, além de aprenderem uma receita saborosa e nutritiva em família.

## Pães de Queijo ou Aula?

De acordo com o Ministério da Educação e a BNCC, o estudo das frações tem início na 1ª fase do Ensino Fundamental, através de situações envolvendo material concreto. No decorrer das séries seguintes, os conteúdos relacionados começam a ser dinamizados, as noções básicas são utilizadas nas definições de razão, proporção e regra de três. Buscando encontrar uma maneira dos estudantes enxergarem a matemática no cotidiano, a Revista Appai Educar pesquisou uma receita que pudesse identificar em quais situações dentro dessa atividade de culinária o estudante pode perceber a presença da matemática.

O professor da disciplina, Marcos Noé, da equipe Brasil Escola, sugere uma atividade que pode ser desenvolvida com alunos do 5º ao 7º ano, pois ao longo do processo eles poderão medir a proporção de todos os ingredientes desenvolvendo um relatório em que serão cumpridos os parâmetros da BNCC. Além de toda a ajuda no raciocínio matemático, as práticas de culinária também são importantes por outros fatores, já que essa prática desenvolve a autonomia e a independência do estudante.

# RECEITA: PÃO DE QUEIJO

- 30 porções

1/2 copo de óleo de soja

1 copo de leite

4 ovos

250 gramas de queijo meia-cura

1/2 kg de polvilho doce

1 colher (sobremesa) de sal

Com base na receita padrão acima, sugira ao aluno que determine as medidas, caso haja uma redução para 15 porções.

1/2 copo de óleo de soja

$1/2 : 2 = 1/4$

1 copo de leite

$1 : 2 = 1/2$

4 ovos

$4 : 2 = 2$

250 gramas de queijo meia-cura

$250 : 2 = 125$  gramas

1/2 kg de polvilho doce

$1/2 : 2 = 1/4$  kg = 250 gramas

1 colher (sobremesa) de sal

$1 : 2 = 1/2$

Portanto, a receita para 15 porções será:

- 1/4 copo de óleo de soja

- 1/2 copo de leite

- 2 ovos

- 125 grama de queijo meia-cura

- 1/4 kg de polvilho doce

- 1/2 colher (sobremesa) de sal

No caso de uma receita para 60 porções, teremos:

- 1 copo de óleo de soja

- 2 copos de leite

- 8 ovos

- 500 gramas de queijo meia-cura

- 1 kg de polvilho doce

- 2 colheres (sobremesa) de sal

A receita padrão deverá ser alterada no intuito de mostrar aos alunos que, quando aumentamos ou diminuímos a quantidade de pessoas, devemos aumentar ou diminuir os ingredientes de forma proporcional.

Observação importante: Toda e qualquer receita realizada deve ter acompanhamento/auxílio de um adulto.

■ Por Richard Günter

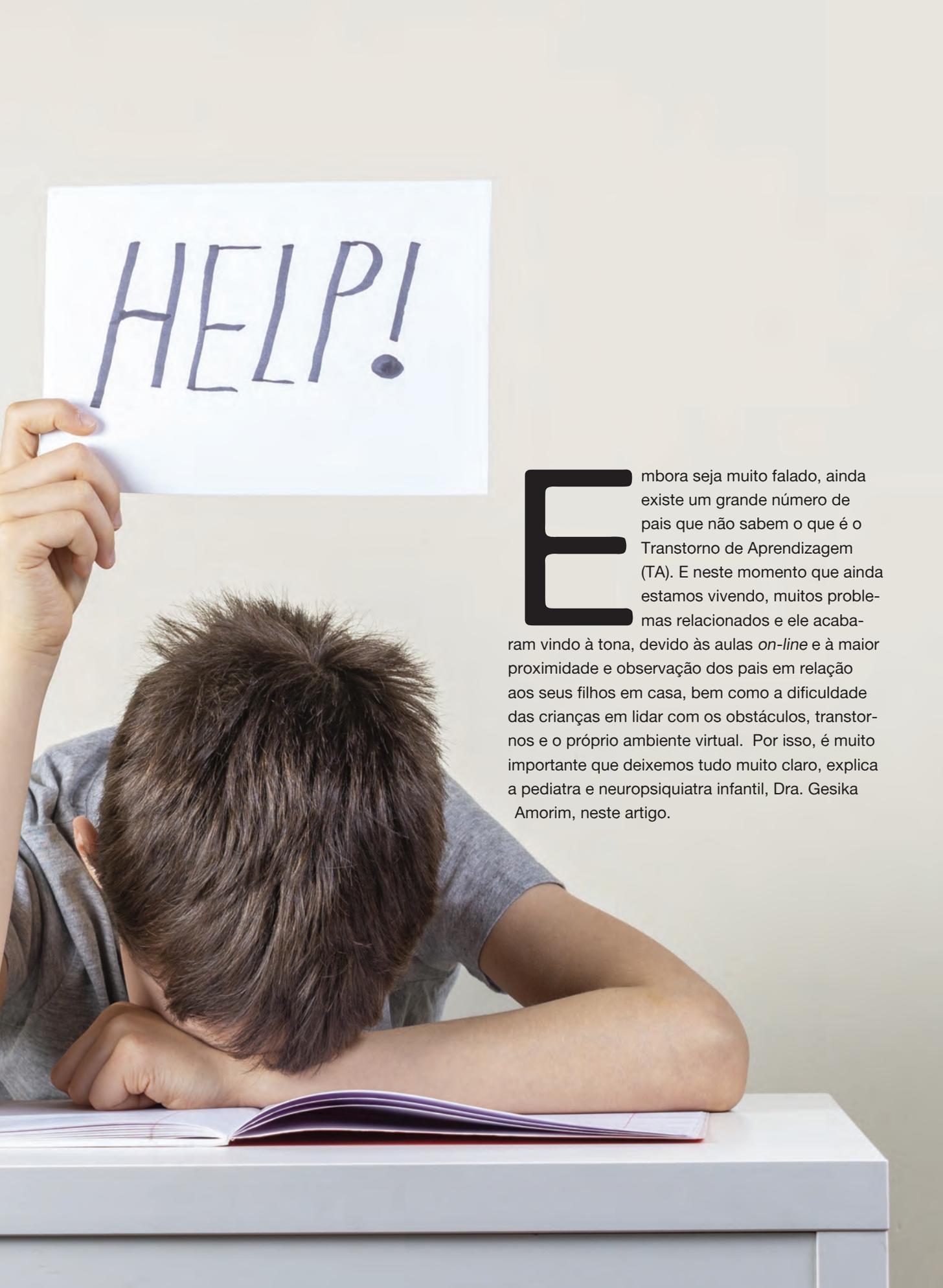
Fontes: Brasil Escola | Nova Escola | MEC



# VOCÊ SABE O QUE É O TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM? SABE QUAIS SÃO E COMO SE APRESENTAM?

Alguns são sutis, mas quando não tratados podem trazer grandes prejuízos no decorrer da vida adulta.





HELP!

**E**mbora seja muito falado, ainda existe um grande número de pais que não sabem o que é o Transtorno de Aprendizagem (TA). E neste momento que ainda estamos vivendo, muitos problemas relacionados e ele acabaram vindo à tona, devido às aulas *on-line* e à maior proximidade e observação dos pais em relação aos seus filhos em casa, bem como a dificuldade das crianças em lidar com os obstáculos, transtornos e o próprio ambiente virtual. Por isso, é muito importante que deixemos tudo muito claro, explica a pediatra e neuropsiquiatra infantil, Dra. Gesika Amorim, neste artigo.

# Transtorno de Aprendizagem x Dificuldade de Aprendizagem

O Transtorno de Aprendizagem está diretamente relacionado ao desenvolvimento, à aquisição de conhecimento escolar. Trata-se de transtornos de habilidades escolares, ou seja, é a dificuldade de aprender a ler, escrever e compreender a matemática.

A Dificuldade de Aprendizagem podemos dizer que é o sintoma. É quando esta criança não está indo bem na escola ou apresenta qualquer dificuldade no aprender, conforme explica a dra. Gesika Amorim:

*“Neste caso, torna-se necessário entender qual o contexto em que a criança está inserida; ela pode ter uma vulnerabilidade social, pode estar passando por um momento de estresse, por um problema familiar, ou pode até mesmo existir algum problema de visão ou audição. Portanto, a dificuldade de aprendizagem é um sintoma que pode carregar inúmeras causas”.*

O primeiro passo é descobrir se essa dificuldade de aprendizagem é específica do Transtorno de Aprendizagem, ou seja, problemas na leitura, na escrita e na matemática, ou se essa limitação na aprendizagem se manifestou por outras causas, como familiares, sociais ou de saúde.

## E quais são os Transtornos de Aprendizagem?

São classificados como Transtornos de Aprendizagem a **Dislexia**, a **Discalculia**, a **Disgrafia** e a **Disortografia**.

**Dra. Gesika Amorim** vai nos falar um pouco mais sobre cada um desses transtornos e a importância de um diagnóstico minucioso e preciso.

## DISLEXIA

A dislexia é um transtorno que afeta habilidades básicas de leitura e linguagem, fazendo com que as crianças encontrem dificuldade para processar os sons das palavras e associá-los com as letras.

É um transtorno específico de aprendizagem, já que seus sintomas afetam o desempenho acadêmico e não existe nenhuma outra alteração (neurológica, sensorial, cognitiva ou motora) que justifique as dificuldades observadas.

Geralmente, o diagnóstico preciso da dislexia vem em torno dos 7 anos de idade, mas, como hoje as crianças estão sendo alfabetizadas cada vez mais cedo, os sinais também aparecem com mais antecedência.

### **Você pode começar a desconfiar de um diagnóstico de dislexia quando:**

- Ela apresenta dificuldade de fala, isto é, demora pra falar ou

não consegue fazê-lo de forma fluente, precisando de tratamento com fonoaudiólogo;

- Apresenta dificuldade em formar palavras;
- Pratica uma leitura lenta, silabada, com falta de entendimento do que lê;
- Faz escrita em espelho com troca de fonemas, entre outros.

A dislexia pode vir acompanhada de disgrafia e, nesse caso, a criança tem problemas também na hora de fazer cópia escrita, além de dificuldade de organização, de reconhecer os lados direito e esquerdo e incoordenação motora.

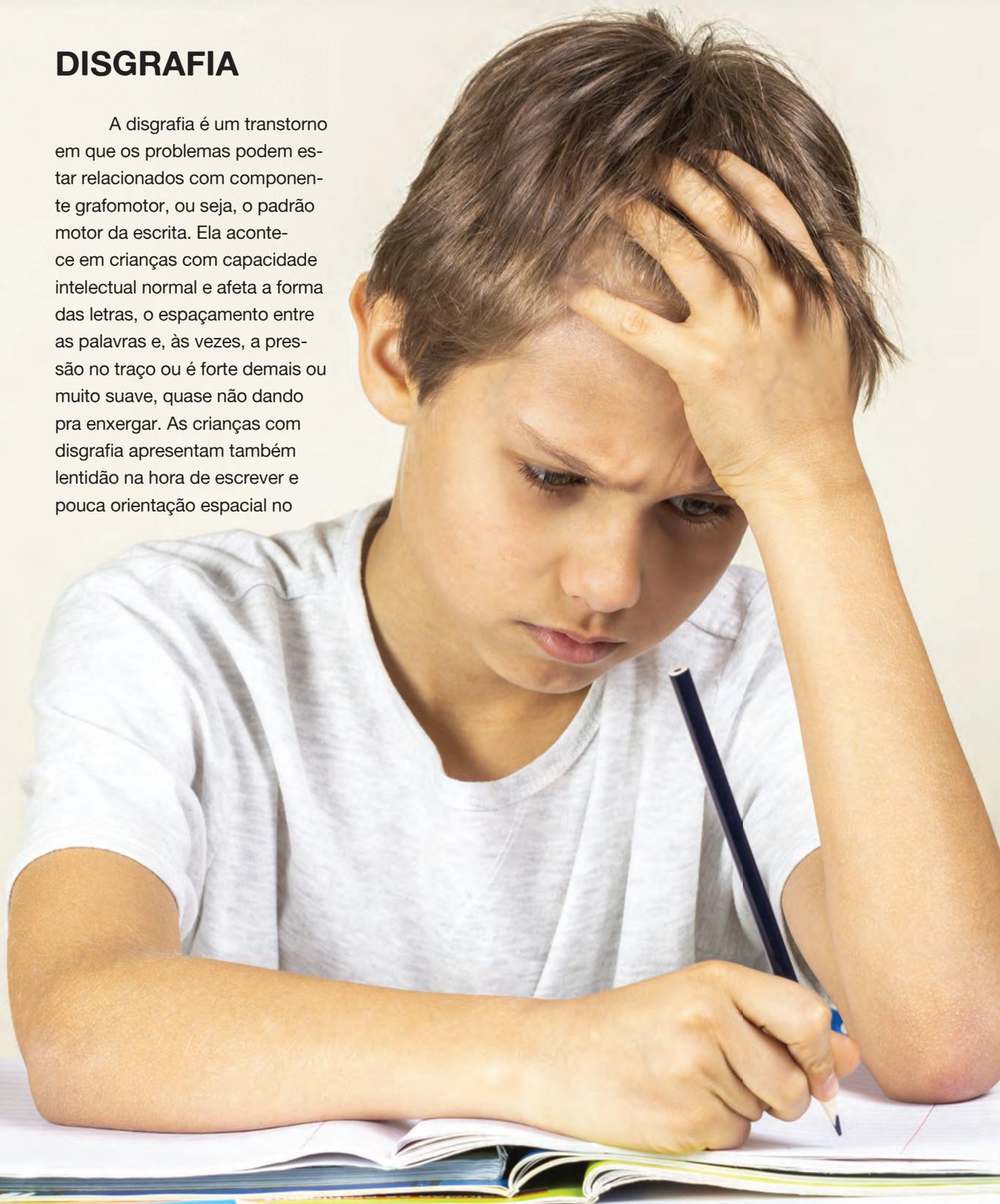
Identificando esses sinais no seu filho, leve-o o quanto antes a um neuropsiquiatra infantil. Em-

bora a dislexia não tenha cura, o médico orientará quanto ao tratamento, que envolve estratégias para que ele possa ler e entender.

**Curiosidade:** Você sabia que Whoopi Goldberg e Steven Spielberg são disléxicos?

## DISGRAFIA

A disgrafia é um transtorno em que os problemas podem estar relacionados com componente grafomotor, ou seja, o padrão motor da escrita. Ela acontece em crianças com capacidade intelectual normal e afeta a forma das letras, o espaçamento entre as palavras e, às vezes, a pressão no traço ou é forte demais ou muito suave, quase não dando pra enxergar. As crianças com disgrafia apresentam também lentidão na hora de escrever e pouca orientação espacial no



papel. Por exemplo, ela escreve, como dizemos, “subindo morro” e “descendo o morro”, não respeita a margem, às vezes não fecha o “o”, não corta o “t”, não coloca o pingo no “i”, não faz o traçado da letra de forma correta, chegando muitas vezes a ser ilegível.

A criança costuma misturar a letra maiúscula com minúscula, letra de forma com letra cursiva, enfim, ela apresenta uma dificuldade visomotora. Na hora de copiar ela olha para a lousa e, quando vai escrever, pula linhas, palavras. O tamanho das letras pode ser ora muito grande, ora muito pequeno. É uma escrita não uniforme.

Vale dizer que no diagnóstico as alterações tônico-posturais da criança são avaliadas. Por exemplo: a maneira com que ela pega o lápis e sua postura diante da mesa.

## DISORTOGRAFIA

Na disortografia, os tipos de erros que a criança comete estão relacionados com a ortografia das palavras. É muito comum que, até o 2º ano, as crianças façam essas confusões ortográficas, principalmente entre os sons e as palavras, pois ainda não estão dominados por completo. São erros bem mais sistemáticos, totalmente voltados para a ortografia, como por exemplo: o uso do L e do LH, troca o X pelo CH, troca o J pelo G, erra o uso dos “Ss” e “ss”, comete erros na acentuação, ou seja, tudo está relacionado aos problemas ortográficos. “Bem diferente, por exemplo, da dislexia, onde as alterações da escrita são muito mais inconsistentes, o que só se consegue diferenciar a partir do 3º ano, quando as crianças estão com 8 anos mais ou menos. Quando esses casos persistem em uma frequência muito grande, aí conseguimos avaliar e fazer o diagnóstico”, explica a especialista.



# DISCALCULIA

Como a dislexia, que está relacionada aos déficits de aprendizagem, a discalculia também não é uma doença. Ela é uma dificuldade que as algumas crianças têm no aprendizado da matemática, quando lidam com números.

Elas apresentam dificuldade ao efetuar equações, entender os seus princípios e tudo que envolve o trabalho com números. É uma desordem de aprendizagem que tem a ver com a formação dos circuitos neurológicos e não tem relação alguma com o Quociente de Inteligência (QI).

Trata-se de uma dificuldade única e exclusivamente relacionada ao cálculo matemático. A discalculia não é fácil de diagnosticar, pois requer uma avaliação multidisciplinar com o envolvimento de especialistas nas áreas de psicopedagogia, neuropsicologia e neuropediatria.

**A Dra. Gesika chama atenção para que os pais fiquem atentos e busquem:**

**Diagnóstico Correto.** Levar a criança ao neuropsiquiatra infantil, verificar se existe algum transtorno de aprendizagem e identificá-lo para iniciar ou adequar o tratamento correto.

**Tratamento Correto.** Verificar se a criança tem algum transtorno comportamental associado ou se nenhum diagnóstico de transtorno de aprendizagem tenha sido feito até o momento. É necessário verificar se a falta de acompanhamento do transtorno de aprendizagem levou ao desenvolvimento de algum transtorno comportamental, tais como depressão, pânico, ansiedade, baixa autoestima etc., que precise de diagnóstico para que se comece imediatamente o tratamento.

**Estratégia.** Família, médico e escola precisam traçar uma estratégia de tratamento e de acompanhamento escolar dessa criança para que esses problemas não piorem.

■ *Dra. Gesika Amorim*

É pediatra com ênfase em saúde mental e neurodesenvolvimento infantil. Neuropsiquiatra, pós-graduada em psiquiatria e neurologia clínica. É também referência no Tratamento de TEA – Transtorno do Espectro Autista, com utilização de HDT – Homeopatia Detox – Tratamento Integral do Autismo e Medicina Integrativa.

**www.dragesikaamorim.com.br**

**Instagram:** @dragesikaautismo

**Atendimento:** *On-line* e presencial em Campos dos Goytacazes e Itaperuna – RJ.



# 5 PASSOS ESSENCIAIS PARA REVISAR O CONTEÚDO DA PROVA

---

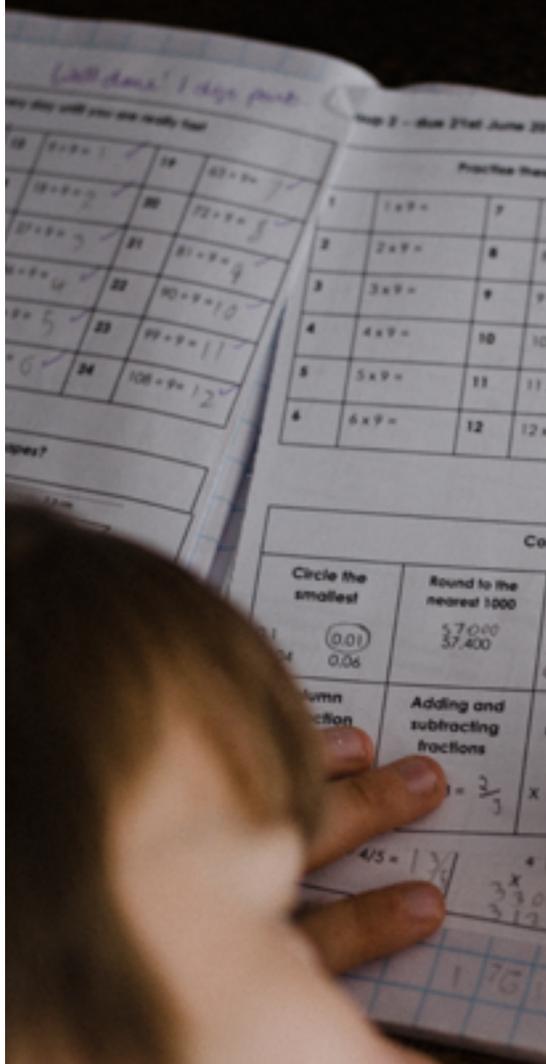
Ajude seus alunos a rever o material estudado para que não passem sufoco no grande dia

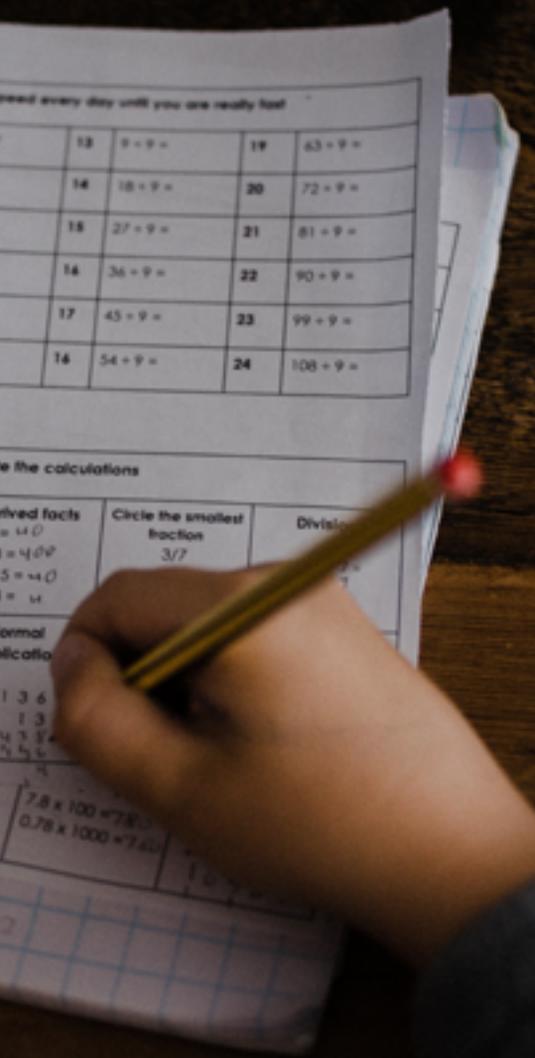


**V**ocê chega no dia da prova e vê os alunos apreensivos, alguns pedindo para mudar a data da avaliação, outros dizendo que não conseguiram se dedicar o suficiente ou até mesmo tentando colar ou se matando de estudar de uma hora para outra! No fundo não bate uma certa preocupação quando isso ocorre? Que tal dar uma forcinha a eles em 5 passos?

**1. Dedique um período da aula anterior para rever o conteúdo previsto para cair na prova:** Essa é uma das maneiras mais eficazes para o aluno obter um melhor rendimento na aprendizagem. Como os estudantes estão aprendendo diversos conteúdos ao mesmo tempo, pode ser que eles deixem escapar algum ponto importante que foi mencionado, por isso essa técnica pode ser infalível, pois, além de rever a matéria, eles podem tirar alguma outra dúvida que ficou pendente ou que só descobriram naquele momento. A partir dessa revisão, os alunos devem fazer suas próprias anotações resumidamente.

**2. Revise diariamente durante 1 hora por dia:** A revisão é importante porque ela ativa um dos princípios básicos da memorização, a repetição. Quanto mais uma informação é repetida, mais seu cérebro registra e assimila o conteúdo. Lembre a eles que revisar não é estudar tudo de novo, mas apenas sinalizar para o cérebro e seus recursos que determinado assunto é importante e por isso merece ser consolidado em sua memória de longo prazo.





**3. Não estude todo o conteúdo faltando um dia para a prova:** Muitos alunos deixam tudo pra última hora e acreditam que devem concentrar todas as suas energias estudando sem parar no dia anterior à prova, mas o que eles não sabem é que essas últimas horas são essenciais para que descansem e relaxem, pois o cérebro precisa se recuperar, afinal, ele está sendo exigido por um longo tempo e precisa de uma pausa. No dia da prova é preciso manter a calma e a tranquilidade, então o ideal é que o aluno ocupe seu tempo com atividades que ajudem a descontrair. Mas, se ele realmente acredita que precisa dar mais uma olhadinha nos conteúdos, oriente-o a estudar de forma moderada.

**4. Não fique consultando o tempo todo os cadernos no dia da prova:** Se o seu aluno quer dar aquela olhadinha durante o percurso até o local da prova ou até mesmo nos minutos antes de entrar na sala, evite olhar os cadernos, muito menos livros, pois não disporá de tempo hábil para fazer longas leituras. O ideal é que ele faça previamente alguns resumos, pois dessa forma será mais fácil memorizar o conteúdo de maneira mais eficiente. Afinal, até este ponto o estudante já deve ter estudado bastante, não é? Então, esse material será apenas para que ele não esqueça os conteúdos que já sabe.

**5. Durma cedo no dia anterior à prova:** Dormir é fundamental para que o corpo recupere as energias, por isso nada de exageros. Evite assistir televisão, jogar videogame ou ficar conectado até tarde na internet. Enquanto dormimos, ocorre a consolidação da memória, o que facilita muito o aprendizado. Então o que seu aluno deve fazer um dia antes da sua prova? Se deitar cedo para que seu corpo esteja preparado para o grande dia.

Boa prova!

■ Por Richard Günter

Fontes: MEC | Infoescola

# FOLCLORE BR RAIZ DE UMA

Saiba por que a diversidade cultural é uma ferramenta primordial para que a riqueza histórica do país seja enaltecida

**N**os quatro cantos do mundo, o folclore se faz presente na história raiz dos povos. No Brasil, quem nunca ouviu falar do Saci-Pererê, Curupira e Boto-cor-de-rosa? A palavra "folclore" tem origem inglesa formada pela composição de dois elementos: *folk*, que significa "povo", e *lore*, que quer dizer "sabedoria, conhecimento, cultura". Diante dessa premissa, podemos refletir sobre a importância da nossa história como parte de um legado.

Não à toa, o folclore se traduz no saber popular que se valoriza e que se perpetua em sua dimensão. É quase impossível falar sobre a história do Brasil, diante de sua imensidão, com tantas influências e tradições, sem deter a atenção com afinco em seu folclore. As pessoas que se interessam pelos conhecimentos, crenças e costumes populares atravessam um incrível e fascinante cenário de aprendizado acerca do legado de uma época ou região, bem como pela identidade cultural. E claro, saem enriquecidos por símbolos que deram origem ao modo de pensar, sentir e agir de nosso povo.

# ASILEIRO: NAÇÃO



O nosso folclore é destacado por atributos das culturas portuguesa, africanas e indígenas. Essa representatividade pode ser ratificada pelos provérbios, cantigas e lendas, nos costumes e crenças populares, e também nas brincadeiras, danças e comidas típicas. Afinal, ele é a base cultural que expressa o modo de viver de diversos grupos sociais distintos que foram se perpetuando de geração a geração, acumulando valores pelo tempo.

Aprender sobre o folclore brasileiro significa mais do que despertar curiosidade sobre os antepassados, mas também estimular interesse pela riqueza cultural do país, o que deve se tornar objetivo principal ao se lecionar o assunto.

No Brasil, o interesse acadêmico e literário pelos estudos do folclore nacional remonta a Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, estudiosos que se interessaram

pela riqueza de mitos e lendas e buscaram registrar tais narrativas populares para as gerações futuras. Diversas cantigas, parlendas, festas populares e jogos coletivos caracterizam fortemente o estudo do folclore brasileiro. Ao abordar esse tópico na educação promove-se nas crianças o resgate de memória com o objetivo de manter viva a história cultural do país e de enfatizar a nossa riqueza e pluralidade enquanto nação.

---

**A diversidade de uma nação é uma de suas maiores riquezas social e cultural.**

## Conteúdo interdisciplinar

Além de algumas comunidades e regiões que mantêm acesa a chama dessa tradição, passada de geração a geração, as escolas são as grandes porta-vozes dessa cultura por utilizarem esses conteúdos como fonte de ensino-aprendizagem interdisciplinar, seguindo a orientação da BNCC.

No mês de junho, mesmo com o isolamento social, quase todas elas realizaram seus festejos juninos com muita criatividade, a fim de que essa diversidade seja cada vez mais explorada pelos professores junto aos seus alunos.



## Folclore brasileiro: um patrimônio cultural

A transmissão oral acerca do folclore, um viés importante na sua preservação, nunca foi tão oportuna como nesse momento em que muitos pais estão trabalhando *home office* e passando mais tempo com seus filhos.

Sabemos que a diversidade de uma nação é uma de suas maiores riquezas social e cultural. Entretanto não temos o hábito de estimular essa parte da cultura na mesma proporção das festas populares, por exemplo. No Brasil, essa mescla de trajetórias de cada região costuma ganhar mais visibilidade no meio do ano, quando se comemoram os festejos juninos, julinos e agostinos, que é também quando se homenageia o folclore, no dia 22 de agosto.

Nesse horizonte, alguns personagens do folclore brasileiro ganharam ainda mais espaço, sobretudo entre as turmas da Educação Infantil, visando a alfabetização através de materiais lúdicos utilizando essas figuras como fonte de atividades. Permeado de muita narrativa regional, esse conjunto de personagens – Mula-sem-cabeça, Iara, Saci-Pererê, Caipora, Curupira, Boto-cor-de-rosa, Negrinho do Pastoreiro, Cuca, Boitatá, Cobra-grande, Vitória-régia, Cumadre Fulozinha, Lobisomem e a Erva-mate – nasceu da imaginação coletiva de um povo sendo realimentada através das obras literárias de geração a geração.

De acordo com especialistas, ao trabalharem com o folclore, os professores precisam estar atentos às informações repassadas aos alunos, em especial os da Educação Infantil e dos primeiros anos do Fundamental I, para que não haja conflito entre as muitas informações, várias delas não confiáveis, jogadas na internet.

Além da importância do conceito folclórico, através das pesquisas, os professores podem explorar essas manifestações por meio de músicas, len-

das, parlendas, festas populares, entre elas a junina, artesanatos, jogos e brincadeiras que podem ser realizadas, sobretudo, em casa por enquanto.

Essa atividade pode se estender à família através de gincanas que levem o aluno a descobrir dentro de casa objetos que façam parte da sua cultura e também sejam comuns a outros grupos familiares. Aproveite para conhecer alguns livros para celebrar o folclore brasileiro.

## É preciso reconhecer o passado

Não há como construir um futuro sem ter um passado. Os pequenos, quando chegam à escola, levam consigo não só a mochila com o material, mas uma bagagem de informações que foram herdadas do contexto familiar, que as atividades pedagógicas poderão reavivar.

Sabemos que os nativos digitais costumam rejeitar o estudo de fatos históricos. A melhor maneira de envolver e despertar a curiosidade dos alunos para temas que são considerados “velhos” é criar um ambiente criativo que demonstre os tem-





pos do folclore, oscilando com os dias de hoje. Por isso, as canções e as brincadeiras coletivas, além das histórias contadas com riqueza de detalhes, são atividades que se aliam muito bem às práticas pedagógicas. Além dis-

so, exigem do professor conhecimento e criatividade extras para impulsionar a motivação e despertar o olhar curioso dos estudantes por cenários muitas vezes completamente diferentes do seu.



## O respeito pela história

É sabido que algumas instituições de ensino ignoram a importância do folclore na criação da identidade cultural e acabam abordando a temática de maneira superficial, mas cabe ao professor tratar cada assunto com sensibilidade suficiente para estimular a inteligência e as emoções alinhadas ao teor pedagógico.

Por isso, existe a pedagogia, pois ela é detentora dos métodos que permitem se adequar às temáticas propostas alavancando o desenvolvimento cultural no estudante, com as estratégias e recursos lúdicos,

diferentes dos tradicionais, para assim obter êxito na aplicação do conteúdo.

Outro fato importante é que o folclore não deve ser estudado somente em sua data comemorativa, mas ao longo do ano letivo, ou sempre que houver a percepção de não entendimento sobre a origem dos povos. A instituição pode promover eventos culturais, com a participação da família e incentivo ao teatro, à dança, à música ou a atividades que expressem a importância do resgate cultural, desde que adequadas à idade dos estudantes.

Atentos e questionadores por natureza, os alunos podem encontrar no contato com o folclore muitas respostas para curiosidades. Enquanto recitam, cantam, dançam, brincam e ouvem histórias entre os colegas da escola, conseguem aproveitar da melhor forma possível o universo lúdico e afetivo. E claro, essas atividades devem ser realizadas coletivamente, já que o folclore brasileiro é sinônimo de união, de popularidade, de afetividade e tradição.

## Olha a cobra... é virtual!

*Mesmo com a pandemia, escolas não desanimam e realizam as tradicionais comemorações juninas com muita diversão e segurança.*

Impossível não associar os meses de junho, julho e agosto às comemorações juninas. Um momento de tirar a roupa xadrez do armário, fazer aquelas comidas gostosas tradicionais dessa época do ano e juntar a família para curtir as brincadeiras. Nas escolas sempre foi uma tradição, mas esse ano foi diferente por conta da pandemia e precisou de adaptações. Muitas instituições de ensino usaram a criatividade, garantindo que a festa acontecesse em segurança.

O **Colégio Pégasus**, por exemplo, optou por um *drive thru* Junino. Na data escolhida, as famílias passaram com o carro na rua da escola e as crianças curtiram o clima e as brincadeiras dentro do veículo. Com direito a brindes e atividades temáticas. O convite aos pais foi feito através do aplicativo da escola, que optou por fazer algo simples e sem custo.



Ilustração por Luiz Cláudio de Oliveira / Finalização por Yasmin Gundim



*As famílias fizeram tudo de dentro do carro e os educadores na rua em que fica a instituição. Foi uma forma de diminuir a saudade das crianças através dessa ação*

Como na festa junina sempre tem gincana, a ideia deles foi forrar o chão da calçada da escola e colocar os kits com sacolas de alças compridas. “Dessa forma, a criança com a vara de pescar conseguiria alcançá-la. Tudo feito prezando pela higiene, desde os preparos dos brindes até o manuseio dos objetos por parte dos estudantes, sempre usando luva, álcool em gel e mantendo o distanciamento social. As famílias fizeram tudo de dentro do carro e os educadores na rua em que fica a ins-

tituição. Foi uma forma de diminuir a saudade das crianças através dessa ação”, conta Letícia Rocha, dona do Pégasus.

Dias antes da ação, o colégio também disponibilizou receitas juninas em sua página no Facebook. Uma forma de incentivar a criançada a produzir em casa, e quem fizesse poderia enviar uma foto ou vídeo para eles. Além disso, eles mandavam diariamente atividades para ajudar os pais a darem continuidade ao trabalho feito na escola e manter a estimulação e o desenvolvimento dos



As famílias dos alunos passaram com o carro na rua da escola e as crianças curtiram o clima e as brincadeiras de dentro do veículo



Atividade para os pequenos

pequenos. As crianças do fundamental também participaram de um café da manhã com a turma caracterizada, tudo através de ligação de vídeo. “A festa junina é uma das mais tradicionais do Brasil, é muito esperada pelas famílias. Num tempo de pandemia, se torna ainda mais importante. Se temos uma forma de comemorar em segurança, por que não?”, completa Letícia.

## Diversão e solidariedade

Outras escolas também encontraram formas de não deixar a folia passar em branco. A rede da Saea (Sociedade Agostiniana de Educação e Assistência), formada pelos colégios Agostiniano Mendel, Nossa Senhora de Fátima e São José, também fez questão de comemorar a data através de um *drive thru* e foi dado um toque ainda mais especial ao se estimular a doação de agasalhos, *kits* de higiene ou alimentos não perecíveis.

O Agostiniano Mendel organizou a atividade na porta do colégio. Além da doação, os alunos da Educação Infantil escreveram uma cartinha para quem receberia o material doado, com frases carinhosas, de acordo com a criatividade de cada família. Os itens arrecadados foram enviados para creches em situação de vulnerabilidade.



## 3 dicas para engajar seus alunos em festas culturais

Datas como Festa Junina e Folclore já fazem parte do Projeto Político-Pedagógico (PPP) das instituições de ensino e podem integrar diversas disciplinas. E mesmo que a distância, os pro-

fessores desfrutem da possibilidade de desenvolver atividades para que os pequenos realizem em casa, virtualmente, com o restante da turma.

### 1) Coreografias, decoração e textos sobre as temáticas

Na Educação Física, os professores podem trabalhar (e ensaiar) as danças típicas e coreografar as músicas mais populares. Nas aulas de Arte, os docentes podem estimular os alunos a produzirem uma decoração inspirada na data escolhida, como Festa Junina ou Folclore. Já em Língua Portuguesa é possível abordar, entre outras temáticas, o folclore brasileiro e a literatura de cordel. Na aula de História, trazer as origens da festa e explorar sua evolução desde que chegou ao Brasil até os dias de hoje.

### 2) Origens e curiosidades

Outra dica é mostrar para os alunos que a festa vai além da tradicional celebração. É muito importante trabalhar as origens da



*Os alunos da Educação Infantil escreveram uma cartinha para quem receberia o material doado, com frases carinhosas, de acordo com a criatividade de cada família*

data e discutir sua presença na cultura brasileira nas mais variadas formas. Quando você for abordar com os alunos as tradições juninas, por exemplo, é importante explicar o significado de cada uma delas. Além de dar um sentido aos símbolos, desenvolver esses significados com os alunos pode estimular sua curiosidade e, também, sua participação nessa festividade.

### **3) Regionalidade**

A multiculturalidade do Brasil também se faz presente nas festas juninas de todo o país. Ainda que tenham a mesma origem, as festividades das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste são bem diferentes das praticadas no Norte e no Nordeste. Isso acontece, principalmente, por que cada local coloca sua identidade cultural na celebração. Dessa forma, apresentar as várias realidades regionais para seus alunos é uma forma de trabalhar valores, como o respeito à diversidade cultural.

Fontes: Pais e Filhos / Brasil escola

■ *Por Antônia Lúcia, Jéssica Almeida e Richard Günter*

# VAI PASSAR!

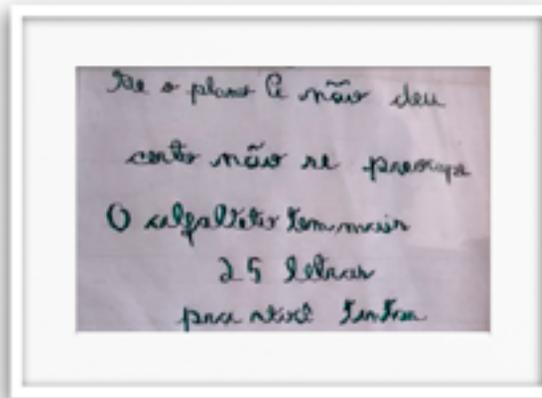


---

Através de frases positivas, alunos expressam seus sentimentos e descobrem relaxamento e foco mesmo em situações adversas

**O**s professores estão se virando como podem durante a quarentena. São muitos exemplos de criatividade e dedicação nesse período tão difícil para todos! Para estimular uma rotina de pensamentos positivos no cotidiano do aluno, o educador Eduardo Madeiro desenvolveu um projeto para que os estudantes do Educandário Modelo, localizado em Nova Iguaçu, pudessem compreender e conhecer a própria essência e ter pleno domínio de si, em pensamentos, desejos, esperanças, frustrações e crenças.

Segundo Eduardo, nesse momento devemos agregar atitudes que possam se somar à nossa saúde mental. “O ser humano envolve o modo como percebemos a vida e a existência, o sentido que damos ao mundo que nos cerca”, explica. Para isso, ele pediu que os alunos criassem uma frase criativa – conhecida como *Lettering* – com a ajuda da família. Depois que colocassem em um local visível da casa, fotografassem e enviassem para ele.



O educador explica que as frases positivas têm o poder de fazer com que o cérebro alcance um estado de relaxamento e foco, mesmo em situações adversas. “A resiliência emocional adquirida com o hábito de usar palavras positivas permite que você lide com situações desafiadoras sem se afetar psicologicamente”, garante Eduardo.

Ele conta que os alunos foram extremamente participativos e relataram que essa experiência abriu um leque de opções que potencializaram habilidades como a motora, a criativa e a de auto-conhecimento. Para o estudante Luan de Oliveira Freitas, do 1º ano do Ensino Médio, as artes têm a importância de distrair e entreter as pessoas na quarentena, tanto para quem produz, quanto para quem desfruta dela.

Já para Thiago Guilherme da Silva, aluno do 3º ano do Ensino Médio, a arte é uma forma do autor se comunicar e um veículo de informações que afeta a parte mais importante do ser humano: o lado sentimental. “Trazendo sensação de paz, motivação para continuar a luta diária. Sem a arte o mundo seria um exílio, não haveria oportunidade de se expressar”, finaliza.

■ Por *Jéssica Almeida*

#### **Educandário Modelo**

Rua Lafaiete Pimenta, 497 – Comendador Soares – Nova Iguaçu/RJ

**CEP:** 26276-600

**Tel.:** (21) 2881-0766

**E-mail:** contato@educandariomodelo.com.br

Fotos cedidas pelo professor

# RETRATO DA ARTE

Alunos surpreendem com releituras  
e ganham exposição



**U**ma escola à frente de seu tempo, em que a arte se revela e mostra o seu lado transformador através da linguagem, da emoção e da percepção criativa. Um projeto proposto pela professora Michéle Santoro

Rodrigues da Silva resultou em mais de 40 releituras de obras de arte nacionais e internacionais e uma surpreendente exposição virtual nas redes sociais da no Seeduc.

A manifestação do conhecimento no Colégio Estadual Erich Walter Heine perpassa de maneira interdisciplinar em todos os sentidos, e um desses canais está na disciplina de Artes lecionada pela professora Michéle, que também é Coordenadora Pedagógica na Estadual Francisco Palheta e especialista em Arteterapia.



*Estudante Luiza Castro, turma 3.004, encena a obra "Menina com o Brinco de Pérola", de Johannes Vermeer*

Localizada na Zona Oeste, em Santa Cruz, a escola de horário integral com formação técnica em Administração avalia seus alunos de uma forma ampla. “Como nosso currículo é diferenciado,

aqui eles têm artes no segundo e no terceiro ano do Ensino Médio. Com a terceira série, nós trabalhamos a História da Arte Brasileira, com foco no Enem, integrando os conteúdos com Literatura.



A aluna Emilly Caroline Simplício da Luz, turma 3.002, encena a obra "Jovem Espanhola Tocando Violão Música 1898", Pintura de Pierre-Auguste Renoir



E já é 'tradição' o terceiro ano desenvolver trabalhos maiores ligados à linguagem artística. E eles amam.", enfatiza Michéle.

De acordo com a escola, ano passado, por exemplo, a comunidade escolar desenvolveu o projeto *Diversidade Cultural*, um trabalho sobre questões de igualdade de gênero, enquanto o terceiro ano fez uma exposição fotográfica sobre a moda ao longo da história e um desfile sobre moda contemporânea. Já esse ano, explica a professora, o trabalho continuou, mas com uma diferença. Saíram do presencial e se instalaram no virtual.

## Superando os limites

Dificuldades e ajustes à parte, professores e alunos mais uma vez mostraram que não há barreiras para a disseminação de conhecimento. Contudo, não dá para ignorar os desafios de realizar um projeto tão grandioso num momento tão desafiador, como relata a Coordenadora Pedagógica da escola, Simone Almeida.

"Lançar essa proposta de trabalho logo no começo das atividades remotas, bem no momento em que todos estavam se reconstruindo, foi um desafio coletivo. Apesar de tudo, sabíamos que não era uma tarefa que nossos alunos não dariam conta, pois é uma prática da escola trabalhar com projetos onde cada estudante, cada grupo ou cada turma trabalha separadamente para compor o coletivo", revela Simone.



Kamila Pereira, turma 3.003, encena Frida Kahlo, pintora mexicana

Entretanto, a grande questão nessa proposta era superar toda a limitação que o novo contexto impunha física e emocionalmente. “Queríamos que esse trabalho mostrasse aos alunos que é possível ver o cotidiano sob uma nova perspectiva, que elementos corriqueiros da nossa vida poderiam servir de inspiração para criar algo novo que ajudasse outras pessoas, por um breve momento, a se desligarem da realidade pandêmica e caótica. A arte tem esse poder de nos conectar com o sentimento e o olhar do outro”, contextualiza.

Em meio ao isolamento, a professora Michéle ressalta que tinha a necessidade de fazer algo a mais. “Eu decidi que doaria máscaras de tecido e, com o material que eu tinha em casa, consegui oferecer 67 unidades para as pessoas que não podiam comprar e que precisavam trabalhar”. E foi nesse elo solidário que chegou às mãos de Michéle, através do Whatsapp, um vídeo de releituras e na mesma hora nasceu a ideia de propor o trabalho para os alunos.

**... mesmo sendo apenas uma carta coletiva, poderíamos cada um fazer um desenho, escrever algo que gostaria de falar.**

Com o total apoio da Coordenadora Pedagógica Simone Almeida, o projeto teve início entre as turmas do 3º ano. “É muito acolhedor ter uma equipe pedagógica que apoia suas ideias e é aberta ao diálogo, pois não nos sentimos sós. Esse fato faz toda a diferença para nós professores e se reflete em sala de aula. É um elo que não se quebra”, destaca a docente reconhecendo a importância do apoio recebido da escola.

Estratégias traçadas, na semana seguinte, durante a aula de Artes, Michéle passou o vídeo para as turmas 3.002, 3.003, 3.004 e 3.005 e explicou que o trabalho deveria ter como fonte de inspiração o conteúdo sobre releituras. “Eu fiz questão de pontuar aos alunos que aquele projeto seria na verdade uma forma deles se expressarem através daquela atividade”, garante.



A aluna Ana Clara Batista Diniz Clara, turma 3.005, encena "Madame X", datado de 1884, de autoria do famoso pintor norte-americano John Singer Sargent

## Um celular na mão e uma ideia na cabeça



*Anderson Willian da Costa  
Porto, turma 3.004, encena  
"A mulher escravizada  
Anastácia", de Pompéu,  
datada de 1740*

Conta a docente que a aceitação foi imediata. Apesar da total liberdade dada pela professora para que o trabalho fosse realizado, havia algumas regras a serem cumpridas. Uma delas era que os alunos não podiam se encontrar, cada um tinha que fazer a sua parte com o que tivesse em casa e poderia contar com a ajuda da família.

A aluna Ana Clara descreve que as aulas da professora Michéle deram um novo rumo aos seus dias de isolamento. "Quando ela entrou na ligação meu dia melhorou 100%, parecia que eu não estava só,

sabe?, vibra a estudante que, ao receber a pauta, rapidamente iniciou a pesquisa em busca por uma obra de arte. "Peguei a melhor roupa, fiz minha maquiagem e tudo que precisava. Meu dia estava bem diferente, me ajudou muito", garante Ana Clara Diniz, agradecida à professora Michéle que lançou o desafio e conseguiu tirá-la daquela rotina. "A arte existe para que a realidade não nos destrua, diz Nietzsche", filosofa a aluna parafraseando o pensador.

## Contando o tempo...

A partir da data do envio do vídeo inspiração, os alunos tiveram 30 dias para entregar os trabalhos. “E nesse meio-tempo postei para eles alguns *links* de visitas *on-line* a museus nacionais, para estimular a pesquisa, uma vez que havia proposto que fariamos uma exposição virtual na página do Facebook da escola e na própria plataforma de ensino remoto”, relembra.

Para a aluna Emily Carlyne Simplício da Luz, mesmo a distância é uma das matérias com que mais interagiu. “A internet ajudou a busca a ser mais rápida. Eu adorei o trabalho, me senti feliz por ter participado! Minha família e meus amigos também gostaram muito do resultado, disseram que foi muito criativo e legal!”, sinaliza a estudante.

E no prazo final, após os 30 dias, mais de 40 versões das mais variadas obras de artes foram entregues com um alto nível de produção, criatividade e afinco que acabou surpreendendo toda a equipe pedagógica da Erich. “Quando vi o resultado do trabalho deles, eu corri atrás para que fosse publicado pela Seeduc nas redes sociais. Mas não os avisei e, quando já estava no ar, foi uma festa, eu tinha certeza de que eles mereciam serem vistos, as pessoas precisavam saber que na Zona Oeste tem gente batalhando duro, por si mesmo e pela própria sociedade, chega de invisibilidade”, sentencia Michéle.

Para o aluno Anderson Willian, fazer parte desse projeto no ambiente de ensino remoto foi muito tranquilo. “A professora se colocou à disposição para tirar todas as minhas dúvidas. Tive dificuldade em escolher qual obra de arte seria a melhor para fazer uma releitura. Adorei o resultado do trabalho, pois percebi que as pessoas gostaram bastante do produto final da minha releitura e da



Yan Alves, turma 3.005, encena a obra “Cabeça de Homem” de Antônio Rafael Pinto Bandeira, de 1891



Estudante Maria Eduarda Dalto de Oliveira, turma 3.004, encena "Maternidade", de Tarsila do Amaral

forma criativa que foi realizada”, diz Anderson.

Essa sensação de dever cumprido com louvor não foi apenas por parte dos estudantes. A Coordenadora Pedagógica Simone Almeida conta emocionada como foi receber os trabalhos. “Fomos tomadas por uma alegria, uma emoção muito grande. Pois pensamos nas dificuldades que cada aluno estava passando

(perdas, falta de internet, celular limitado, falta de *notebook*, computador ou *tablet*, problemas familiares, enfim) e como eles lutaram para realizar essa atividade. Acreditamos que uma palavra resume a atitude dos alunos do 3º ano: *superação*”, pontua a Coordenadora Pedagógica.

A professora Michéle irradiava alegria ao falar do resultado do projeto. “Dentro do que está

sendo possível fazer, avalio superpositivamente o trabalho, os alunos têm se superado de todas as formas. E individualmente sei que a atividade foi muito ressignificante, já que permitiu que se pudesse olhar o mundo, que já não é mais o mesmo, de uma outra forma, diferente, mas possível”, finaliza a professora.

■ *Por Antônia Lúcia*

**Colégio Estadual Erich Walter Heine**

Rua Manoel Lourenço dos Santos, s/nº – Santa Cruz – Rio de Janeiro/RJ

**CEP:** 23520-660

**Tel.:** (21) 2333-7280

**E-mail:** ceerichwalterheine@hotmail.com

# BRINCADEIRA PARA FAZER E CASA E DIVER A GAROTADA

---

Que tal resgatar algumas brincadeiras do passado? Aproveite esse período em casa e foque em atividades cheias de afeto!

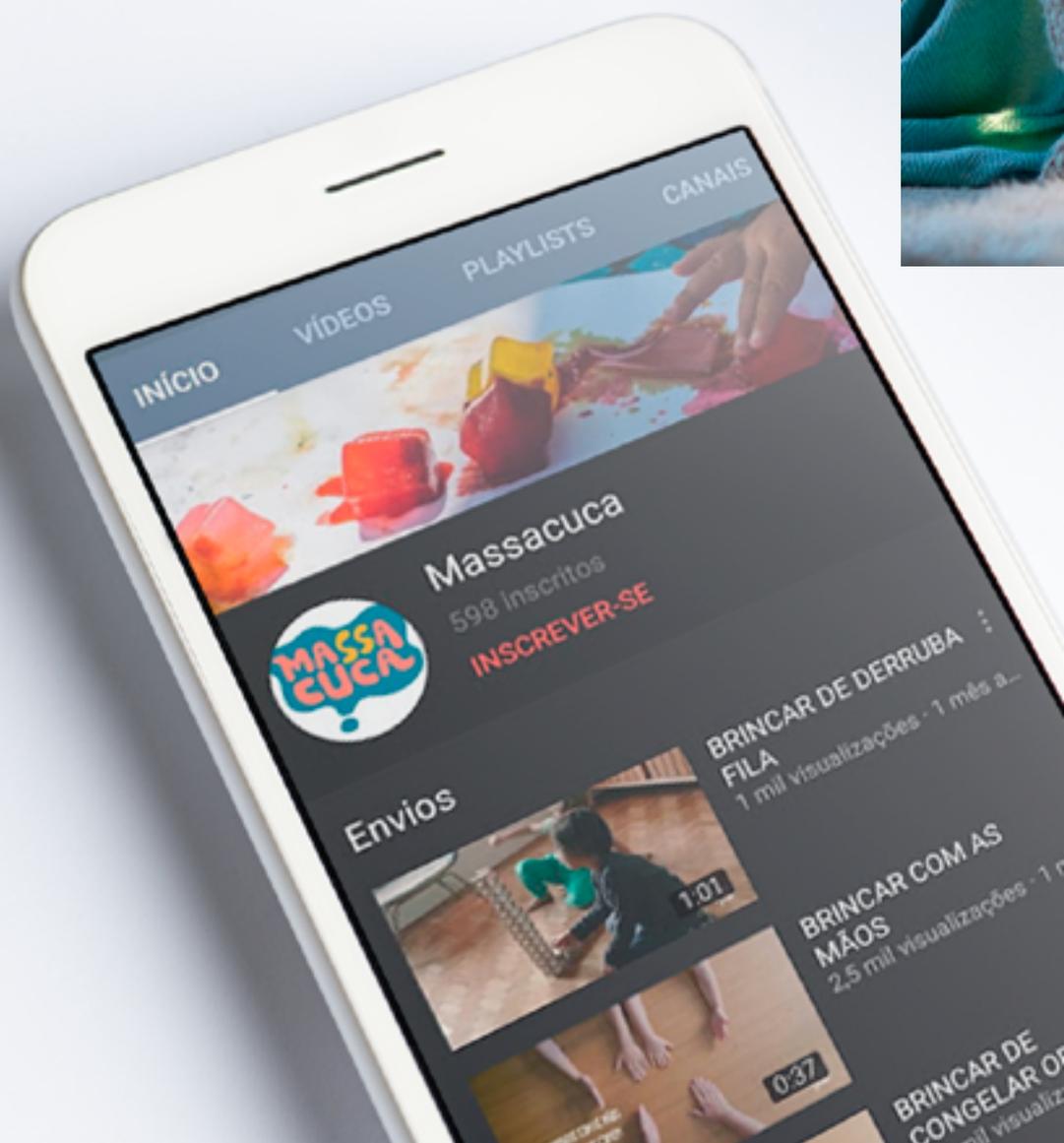
# S M TIR



Foto por Patricia Prudente em Unsplash

**C**om tanta tecnologia e recursos à disposição, esquecemos de coisas simples como as brincadeiras que desenvolvem a criatividade dos pequenos e não precisam de materiais muito elaborados. O [Massacuca](#) é um projeto focado na experiência do brincar, nos pequenos tesouros do dia a dia e na riqueza dos objetos comuns que, ressignificados, transformam-se em brincadeiras cheias de afeto. Onze delas, todas muito simples, que podem ter sido esquecidas ao longo do tempo, foram recuperadas pelo portal durante esse período de isolamento.

Que tal descobrir essas ideias e colocar em prática com os pequenos? Para exemplificar, o Massacuca desenvolveu uma série de vídeos e disponibilizou no canal deles no [Youtube](#).





## Desenhando na janela

Pegue alguns pedacinhos de papel celofane e um pouco de água. Molhadas, as formas grudam no vidro e viram desenhos, compondo um mural em movimento que transforma os cenários cotidianos. Quem sabe esses desenhos possam expressar um pouquinho do que acontece dentro de casa para quem passa lá fora e vê pela janela?

## Construindo cabanas

Tem dias que a gente precisa de aconchego, de um cantinho para relaxar. Esse espaço pode virar castelo mágico, nave espacial ou caverna. Montar cabanas é uma atividade cheia de acolhimento e afeto. Arraste as cadeiras, use lençóis, almofadas, os enfeites de natal, as decorações de aniversários passados.

## Construindo cidades

Dá para trazer um pouquinho de lá de fora para dentro da nossa casa! Você vai precisar só de fita crepe colada no chão e muita imaginação. Assim nasce uma cidade no meio da sala, onde transitam brinquedos, objetos da casa e pessoas. Até os livros entram no faz de conta, virando túneis e garagens.

## Pulando pegadas

Hora de se movimentar! Para criar circuitos, corte grandes patas de monstro feitas com papelão e espalhe pela sala, colando com pedacinhos de fita crepe no assoalho e nos bancos. A brincadeira é seguir as pegadas sem cair ou pisar no chão. Vale fazer com almofadas, só com a fita crepe colada no chão, com pedaços coloridos de papel. Depois mude tudo de lugar e proponha um novo desafio!

## Empilhando

É uma brincadeira bem antiga e até hoje diverte desde os pequenos até gente grande! Copos, latas, potinhos, tudo serve para empilhar. O desafio é deixar bem alto, mas gostoso mesmo é derrubar para então recomeçar.

## Jogo da velha

Encontre um cantinho na casa e crie seu tabuleiro com fita crepe no chão e use pratinhos de papel como peças. Divertido, né? Pode ser menor, para jogar com pedrinhas ou até bem maior. A única regra é reinventar!

## Congelando objetos

Coloque objetos em uma bacia com água e deixe no congelador por algumas horas. Retire a grande pedra de gelo e convide as crianças para resgatarem os objetos congelados com a ajuda de alguns utensílios e um pouco de água morna. Funciona muito bem brincar durante a hora do banho também!



## Poção mágica

Pode ser aquele tempero esquecido na gaveta, folhas e flores secas, um pouco de pó de café ou qualquer ingrediente que encontrar. Quando a poção estiver pronta, distribua magias para outras crianças e adultos!

## Pedra, papel e tesoura

É um jogo divertido que só precisa das mãos para acontecer e dá para brincar em qualquer cantinho da casa. A regra é simples: pedra quebra tesoura, tesoura corta papel e papel embrulha pedra.

## Brincando com as mãos

Mãozinhas e dedos em movimento também viram brincadeira. Invente um jogo de imitar, fazendo gestos com as mãos para que as crianças copiem. É preciso ficar atento e ser rápido! Para os mais velhos, crie uma sequência e vá acrescentando movimentos a cada rodada. O desafio é imitar tudo sem deixar escapar nada.

## Derrubando fila

Blocos de madeira transformam-se em diferentes brincadeiras. Colocados em fila formam desenhos e caminhos, onde a diversão está em experimentar as muitas possibilidades. Será que todas as peças caem quando empurramos a primeira? Será que uma fila consegue derrubar uma torre inteira? Experimente!

E você, tem outras sugestões de brincadeiras? Envie seu relato para a nossa equipe através do e-mail [redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br) ou poste uma foto do pequeno em sua rede social e use a hashtag #souappai. Vamos adorar ver!

■ Por *Jéssica Almeida*

Fonte: Lunetas.

# CARTAS PELO MUNDO UM OLHAR FOTOGRÁFICO

Através da produção textual e fotografia, alunos desenvolvem suas habilidades e conhecem a cultura de outros países.



**V**ocês sabem como escrever uma carta? Para quem podemos escrever? Por que escrever? A partir desses questionamentos surgiu a ideia de criar um projeto para proporcionar aos alunos da Escola Municipal Marechal Mascarenhas de Moraes, localizada em Nova Iguaçu, uma aprendizagem com condições reais de interação ao mundo letrado e novos conhecimentos a partir da fotografia e do gênero carta. Além de promover um discurso entre pares, o saber ouvir, falar e refletir através do pensamento crítico.

O *Cartas pelo Mundo: um olhar fotográfico* surgiu em 2019 a partir de um projeto bimestral planejado pela escola, que foi adotado por todas as turmas e onde cada uma, em comum acordo com a equipe pedagógica, teria de trabalhar uma questão abordada no livro. O tema sugerido para as classes de 3º ano foi “olhar fotográfico”. Segundo a professora regente Cristiane Pralon, os alunos já estavam trabalhando uma sequência didática a partir dos gêneros textuais.



# JUNDO: GRÁFICO

“Havíamos focado em registros, como bilhetes e receitas, e, ao analisar as atividades, não quis limitar apenas ao livro. Então uma inquietação me ocorreu. Como dar continuidade ao que já se consolidava como novo projeto? O envolvimento e o entusiasmo dos alunos me trouxeram a reflexão de por que não unir o tema ao que já está em andamento”, lembra.

A educadora conta que iniciou o projeto com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental, composta por 24 alunos sendo 3 deles incluídos, dois com laudo de espectro autista e um com transtorno opositivo desafiador. “Observei que, apesar de estudarem juntas desde a Educação Infantil, as crianças apresentavam uma certa resistência na integração com os alunos especiais”, conta Cristiane. Foi aí que ela iniciou atividades coletivas, como jogos cooperativos, contação de histórias e dinâmicas em grupos.

Conversando com os estudantes, a professora contou que tinha um casal de amigos com dois filhos que decidiram morar em Portugal e uma amiga que vivia em Cabo Verde. E questionou se eles gostariam de escrever uma carta perguntando sobre a cultura de cada país, enviando uma foto da turma para apresentação. “Foi uma euforia! Iniciamos coletivamente o diálogo sobre a escrita do que seria enviado. Decidimos também que, mesmo sendo apenas uma carta coletiva, poderíamos cada um fazer um desenho, escrever algo que gostaríamos de falar e que não tenha sido citado ainda. Trouxe para a turma um exemplo de bilhete e uma carta retirada de um livro, para indagar aos alunos o que eles viam de diferenças na escrita daqueles textos. Quais elementos se faziam importantes para ambos”, explica a professora.



**... mesmo sendo apenas uma carta coletiva, poderíamos cada um fazer um desenho, escrever algo que gostaríamos de falar**

Dessa forma, Cristiane apresentou o gênero carta lembrando aos estudantes que o rei de Portugal conheceu algumas características do nosso país através da primeira missiva escrita por Pero Vaz de Caminha. Essas informações geraram um diálogo com a turma, com os alunos também conhecendo alguns fatos históricos e o entusiasmo ficando cada vez mais evidente. Os estudantes foram observando questões de parágrafo, pontuação, como iniciariam a carta, ou seja, cada etapa dos elementos importantes que esse tipo de texto exige.

Para auxiliar a aprendizagem dos alunos com dificuldades na leitura e escrita, a professora promoveu o reconhecimento do nome dos países que estavam enviando as cartas, tudo a partir de recorte e colagem das letras em jornais e revistas. “Lista de novas palavras com a letra inicial, contagem das letras e das sílabas, formação de frases. Além disso trabalhei, por exemplo, com sons do ch e do x na palavra Chile, jogos de palavras, montagem das bandeiras desses países, suas cores e formas geométricas. O processo de mediação e res-



*Os pequenos aprenderam sobre diversos países e também conheceram alguns fatos históricos*

## CARTAS PELO MUNDO: UM OLHAR FOTOGRÁFICO



Para finalizar o projeto, eles realizaram uma Feira Cultural com diversas atividades e apresentação das atividades em grupos

peito às dificuldades de cada um, bem como a troca entre os alunos, colaboraram para desenvolvimento de todos”, exemplifica a educadora.

Para finalizar o projeto, realizaram uma Feira Cultural, organizaram atividades sobre o que haviam aprendido e promoveram a apresentação das atividades em grupos. “Um deles falou sobre plantas medicinais e o outro sobre os animais a

partir de um trabalho com argila. Foi uma tarde maravilhosa e muito significativa para todos! Uma ação contínua, contextualizada com a proposta curricular da escola visando observação, diagnose e registro descritivo, de forma a atender a todos os alunos ao longo do seu processo de desenvolvimento, incluindo o plano de educação individual aos estudantes inclusos”, finaliza Cristiane.

■ Por Jéssica Almeida

**Escola Municipal Marechal Mascarenhas de Moraes**

Rua Coronel João Alvarenga Cintra, s/nº – Santa Eugenia

Nova Iguaçu/RJ

**CEP:** 26285-620

**Tel.:** (21) 99922-2017

**E-mail:** em.mascarenhasdemoraes@novaiguacu.rj.gov.br

Fotos cedidas pela professora

# ROLOU NA WEB



Faça como a professora Aline Oliveira e divulgue seu trabalho na Revista Appai Educar. Outras pessoas terão a oportunidade de conhecer o que ela faz, se inspirar e aplicar o conteúdo com seus filhos ou alunos! Quer saber como participar? Entre em contato com a nossa equipe através do e-mail [redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br) e conte um pouquinho do trabalho que você desenvolve.

## Voz do professor

“Amei a matéria que publicaram na Revista Appai Educar sobre o projeto Filhos da Terra que desenvolvi na minha escola. O município de Itaguaí já compartilhou no Facebook deles, a direção da Unirio vai colocar na plataforma de pedagogia e também vai para a plataforma do Cederj. Recebi ligações de todos eles, que viram a matéria e ligaram para me parabenizar. Olha que espetáculo, deu até vontade de enviar mais projetos para a revista. Obrigada pelo carinho e atenção!” - Sheila Portella, professora na Escola Estadual Municipalizada Taciano Basilio, em Itaguaí.

**Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!**



**Fernanda Lessa**  
Via Facebook

“Uma associação ímpar, que zela pelo bem-estar integral de cada um de nós. Saber, por exemplo, que uma simples inscrição para as corridas é revertida em auxílio a entidades carentes traz uma sensação de bem-estar. E há ainda muito proporcionado pela Appai, como a possibilidade de fazermos amizade e de encontrarmos o amor como aconteceu comigo. Não poderia deixar de elogiar a contribuição da Revista Appai Educar, cujas matérias valorizam o trabalho dos educadores e divulgam ideias que podem ser implementadas pelos leitores, gerando uma troca de experiências frutíferas. Por tudo isso, só posso afirmar que tenho muito orgulho de ser Appai!”



**AS REDES SOCIAIS + CONECTADAS NA EDUCAÇÃO**

@APPAIRJ    

**EXPE  
DIEN  
TE**

**Conselho Editorial**  
Julio Cesar da Costa  
Ednaldo Carvalho Silva

**Jornalista Editora**  
Antônia Lúcia Figueiredo  
(M.T. RJ 22685JP)

**Assistentes de Editorial**  
Jéssica Almeida e Richard Günter

**Designer e Assistente Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira  
Yasmin Gundim

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:**

End.: Rua Senador Dantas, 117/229  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

**E-mail:** [jornaleducar@appai.org.br](mailto:jornaleducar@appai.org.br)  
[redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br)

[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)

Tel.: (21) 3983-3200